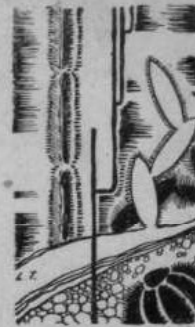




VORLENSTE



"São os do Norte que vêm..."

Evocação de BILAC

Luiz Delgado

TALVEZ meu primeiro contacto com Olavo Bilac tenha ocorrido quando meu irmão trouxe do colégio, como prêmio escolar, o volume das *Poesias Infantis*. Muita coisa iria constituir problemas para mim naquelas páginas ouvidas e lidas tantas vezes. Lembro-me ainda, por exemplo, que a música do verso não me deixava compreender que "uma avezinha"

("e, em breve, uma avezinha descuidada, batendo as azas, cai na escravidão...")

fôsse aquilo que eu conhecia como passarinho e não uma avezinha qualquer...

Depois vieram creio que os *Contos Patrios*, mais perdidos na memória. E um dia, êsses livros folheados às claras, em casa, em plena meninice, cederam lugar às *Poesias*, emprestadas no colégio e devoradas na sombra porque era tempo roubado ao estudo e era um calor de sensualidade perturbando a imaginação.

Entre as recordações dos meus quatorze anos, refugiu a do entusiasmo em que me lançaram os versos alexandrinos d'O *Caçador de Esmeraldas*: ao terminar a leitura, não me contive e recomencei em voz alta para meu Pai ouvir. Era tão rara em mim uma expansão desse gênero que guardo ainda hoje a visão do recanto onde estávamos no salão da casa que se destruiu depois e sei a espécie e o tom da luz que vinha da tarde esmaecida e entrava pela janela.

Tudo aquilo foi copiado em meus cadernos, enquanto aguardava o dinheiro e a oportunidade para comprar o livro. Mas, não foi preciso: houve quem m'o desse, anos depois, numa edição que continha os sonetos de *Tarde*, a muitos dos quais eu já conhecia e decorára.

Era, então, um tempo em que outros moldes poéticos haviam tomado conta do Brasil. Eu mesmo encantava-me com a pessoalíssima ternura de Ribeiro Couto, com as inovações de Guilherme de Almeida, com os epigramas de Ronald de Carvalho. A crítica de Tasso da Silveira levava-me para o simbolismo; olhava de perto as revoltas de Cruz e Souza, movendo-se em turbilhões, e a melancolia de Augusto dos Anjos, definindo-se em termos de científico arrezamento. A sensibilidade tinha, portanto, novos pontos de referência, banhara-se em outras atmosferas, percorrera outros mundos. E isso me tranquilizou quando descobri que o coração permaneceu sempre fiel a Bilac.

E' que não houve nenhum exclusivismo nas idolatrias poéticas de minha adolescência. Em certas épocas, outros poetas foram-me mais queridos do que êle, a ponto de serem pretenciosamente imitados. Foi sempre capaz de desejar que Bilac não houvesse escrito determinadas estrofes, inclusive no próprio livro derradeiro que é não somente a coroação de seu gênio mas a frutificação de sua alma: sonetos como os que êle fez a propósito de Dante ou de Beethoven, nunca os pude aplaudir. E não custaria apontar, menos visíveis mas inequívocos, certos truques de escola, certos artificios, certos vícios que o espírito do tempo favorecia e explicava mas que prejudicam, por isso mesmo, o valor perene daquela poesia.

Pois, é necessário dizer isto a toda gente, sobretudo aos mais moços: aquela poesia é perene.

Olavo Bilac conciliou em *Tarde* uma beleza literária e uma gravidade interior que dão aos seus poemas o som austero e nobre das coisas definitivas. Nessas alturas de sua obra poética, êle não é apenas um episódio no curso de nossas letras, um fato de interesse para os eruditos mas sem alcançar nem sentido para as nossas almas; antes, incarna o advento de uma mensagem humana, menos analítica do que a de Machado de Assis mas igualmente profunda e séria e bem mais vibrante e simpática. Machado, escrevendo em prosa e colocando-se por isso mais acima de versateis modas técnicas, merece a admiração unânime: Bilac não a merece menos. Sua arte é de uma honestidade e de uma grandeza equivalentes, ao exprimir os horizontes novos que a idade vai criando em torno dos corações, a mudança dos cuidados e dos sentimentos, a como aparição de sentidos mais sutis para aprender um universo mais misterioso.

Há, com efeito, um estudo a fazer sobre o modo como Bilac sentiu e expressou os seus temas, à maneira que envelhecia, impregnando-se de uma diferente atmosfera moral. Mesmo quando a atitude artística é a mesma, como no caso dos motivos históricos, o esplendor externo e formal cede lugar ao estreitamento com que êle avança nos recessos das almas. Uma distância enorme estende-se do "Lendo a *Iliada*", soneto da primeira fase, ao "Edipo", da última.

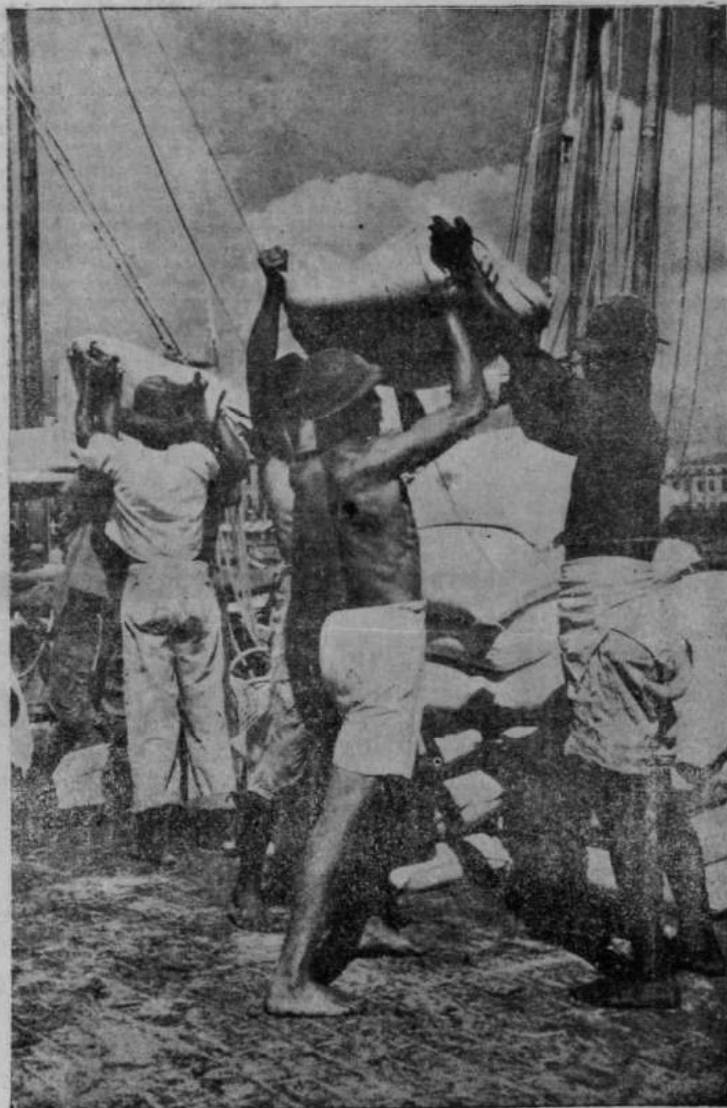
Ocorre o mesmo com relação à natureza. A princípio, ela era um assunto a descrever ou, quando muito, o cenário onde se desenrolava uma história — o rio que rola de vaga em vaga ou as águas em que

teus pensamentos
Lá vão! Lá vão levados os meus sonhos!
Lá vai levado todo o nosso amor!

Depois é que vem, com a natureza, uma identificação de outro gênero, íntima e melancólica:

Nuvem que me consolas e contrastas,
tenho o teu gênio e o teu labor ingrato:
essas arquiteturas imprevisitas
são como as construções em que me mato.

Nunca vemos, misérrimos artistas,
a vitória deste ímpeto insensato:
a um sópro bemfezido, que conquistas!
a um hálito cruel, que desparato!



Este belo flagrante de Berzin, da coleção da Diretoria de Documentação e Cultura, retrata um aspecto característico do Recife: a descarga de açúcar, de barcaças que provêm do interior pernambucano.

Nuvens de terra e céu, brinco do vento,
vai-se nos breve a essência no ar varrida...
Irmã, que importa? Ao menos, um momento,
no fastígio falaz de nossa lida,
tu nas miragens e eu no pensamento
somos a força e a afirmação da Vida!

Essa aproximação entre o esforço inútil do homem e o ilusório trabalho da nuvem não era apenas tristeza: era o desvendamento de novas glórias. O vale era outro símbolo, estirado mansamente entre as montanhas, coberto pelas vozes dos rios que anunciam o crepúsculo, enquanto os pirilampus descem do céu como se fossem as estrelas e, no espaço entre as lavouras, as casas humildes acolhem os homens que cessaram as suas tarefas.

E num recolhimento a Deus ofertado
o cansado labor e o inquieto sono
de minhas povoações e de meus campos.

Nessa atitude espiritual, não cabe mais a isenção que seria a frieza parnasiana, e a forma só atinge a sua plenitude porque deixa de ser aquela "deusa serena, serena Forma", invocada na Profissão de Fé. A poesia de Bilac chega a ter acentos panfletários, quando cita os matuões e as amonizações, quando increpa aqueles

morubixabas de ambições astutas
que, em desgraçadas e mesquinhas lutas,
desgovernais misérrimos países...

Mas o que, principalmente, ilumina essas páginas finais é o sentimento da transitoriedade da vida e da fatalidade da morte, fundindo-se na tragédia que é a realização moral, o destino do homem.

Há um amor que enche a maioria dos poemas, inclusive no primeiro Bilac, amor feito de fúria sensual ou de fantasmagoria verbal, a tal ponto que os poetas se caíam a seu respeito quando a idade torna ridículo

(Continua na 2a. página)

SUMARIO

ARTIGOS de Luiz Delgado, Maurílio Bruno, Gilberto Osório de Andrade, Haroldo Bruno e Mário Sette.

CONTO de Valdeci Freire Lopes.

POEMA de Tomaz Seixas.

REPORTAGEM de Luiz Tórre.

BIBLIOGRAFIA — Aderbal Jurema.

DESENHOS de Gonçalves Pereira e Luiz Teixeira.

NORDESTE Institue Um Grande Concurso De Romance

A aceitação que NORDESTE mereceu do público e, particularmente, dos intelectuais, não foi para nós, que a fazemos, um motivo de simples desvanecimento, quando não de vanglória: foi, antes de tudo, uma advertência das responsabilidades que assumiamos ao escetar esta publicação.

Desde muito, fazia falta em Recife uma revista deste gênero. De um lado, a necessidade de um ponto de reunião dos valores locais, de um órgão de imprensa em que, sem recusa de quaisquer pontos de vista pessoais e sem influência de qualquer outra preocupação a não ser a da cultura, encontrassem eles estímulo pela comunicação de seus trabalhos; de outro, a necessidade de divulgar, um pouco, fóra de nossas fronteiras administrativas, o esforço intelectual que em Pernambuco se processa — eis aí as duas circunstâncias que deram inesperado relevo ao nosso empreendimento.

Confessamos que eram mais modestos os nossos intuítos. E à adaptação, que se fez imperiosa e urgente, da revista ao ambiente que em torno dela assim se criou, devemos al-

guma alteração do nosso programa primitivo.

No entanto e para atender desde logo ao caráter amplamente regional que se deduz do seu próprio título e aos seus motivos de incremento literário, NORDESTE resolveu lançar imediatamente as bases de um concurso de romances e novelas.

Pensamos, contudo, naqueles escritores que lutam com dificuldades de publicação de seus escritos, em nossos Estados nordestinos onde não existem empresas editoriais do vulto que o nosso desenvolvimento geral exigiria. Não de ser eles, no entanto, os continuadores de uma das tradições mais vivas da cultura brasileira: a que se reflete não somente na reconstituição ou na interpretação das originalidades da nossa existência dentro de seu áspero quadro geográfico, senão também na vitalidade que o ânimo criador dos ficcionistas, dos ensaístas e dos poetas nascidos de Alagoas ao Maranhão, introduziu como um confluente riquíssimo na literatura brasileira. Muitos conseguiram firmar os seus nomes nas letras pátrias; outros, porém, os que apenas começam, lu-

tam com obstáculos frequentemente desesperadores. Para ajudar a estes últimos, instituímos certas restrições em nosso concurso. E convém não esquecer, ao lado disso, as barreiras que nosso próprio caminho de publicação exclusivamente literária e em começo de vida, se levantam.

Será o nosso, por isso, um concurso de uma revista nova para escritores novos. Não terá grandes prêmios: será, porém, um gesto de companheirismo, uma ajuda cordial que esperamos venha a fecundar algum início de carreira gloriosa.

AS BASES

— O concurso NORDESTE estará aberto até o fim do ano, encerrando-se no dia 31 de dezembro de 1947 o prazo para recepção dos originais na redação da revista.

— Serão aceites romances ou novelas, inéditos e cujo texto deverá constar de, pelo menos, duzentas páginas datilografadas em espaço duplo, em papel de tamanho almasso.

— Os concorrentes serão escritores nascidos ou residentes na região compreendida entre os Estados do Maranhão e de A-

lagoas, região que será também o cenário do livro.

— Serão excluídos escritores que tenham mais de dois livros publicados.

— Os trabalhos dos candidatos serão entregues em quatro cópias; assinados com pseudônimo. O nome do autor virá em sobrecarta fechada em cuja frente se terá escrito o pseudônimo e que só será aberta para identificação dos premiados.

— O julgamento será atribuído por um júri composto de três escritores, preferencialmente do sul do país, cujos nomes serão divulgados com o resultado final.

— O critério fundamental o julgamento será a capacidade de criação artística e de expressão literária.

— Poderão ser conferidos até três prêmios, com ou sem classificação de ordem numérica, a juízo da comissão.

— Verificando-se que o candidato ao ser identificação, não preenche as condições constantes deste regulamento, ficará insubsistente o prêmio conferido.

— O prêmio custará da edição pela revista NORDESTE dos livros classificados, cabendo aos autores o saldo das edições.

NORDESTE

MENSARIO DE CULTURA

Editado pela Empresa JORNAL DO COMMERCIO S. A.

Redação e gerência: RUA DO IMPERADOR, 346

— Sala 33 — 6.º andar

Diretor: Esmaragdo Marroquim

Redator-chefe: Aderbal Jurema

Gerente: Fernando Barros Lima

Chefe de publicidade: Paulo Gomes da Silva

Número avulso Cr\$ 3,00

Número atrasado Cr\$ 5,00

Representante no Rio: Rui Duarte

Representante em São Paulo: Aziz Elilhama

— Todos os livros enviados a esta revista serão registrados independente de crítica assinada.

— Solicitamos permuta com as publicações congêneras.



Marcou um acontecimento de grande significação para o progresso comercial e urbanístico do Recife, a recente inauguração do EDIFÍCIO SAEL, no bairro de Santo Antônio. As fotografias acima fixam alguns aspectos do interior do novo e moderno edifício devido à corajosa iniciativa e espírito empreendedor dos diretores da "Sociedade Auto-Elétrica Limitada".

A Festa está na porta!

Mário Sette

A FRASE poderá ser ainda de hoje, mas era muito mais corrente há coisa de cem anos.

A Festa estava na porta isto é, o verão começava e urgia cuidar da casa no arrabalde, para nela se passar o Natal. Mais do que hoje, essa exigência de uma "temporada no mato" se fazia sentir porque as habitações na cidade fossem os sobrados ou as "casas impressadas". Ansiava-se por um terraço ou copiar, por umas árvores, por um rio, pelo ar livre a entrar de oitões a dentro.

Ja-se passar a Festa em sitios hoje pouco distantes do centro: João de Barros, Madalena, Espinho, Afogados, naquê tempo de transportes morosos, um "fim de mundo".

Com a inauguração dos trens suburbanos, outros trechos rurais foram sendo povoados com maior densidade, principalmente nos meses calmosos, logrando renome — Caxangá, Monteiro, Apipucos.

Já não se precisava recorrer à canôa ou ao ônibus a cavalos, raros, custosos e incômodos.

O trem corria desde as manhãs até às noites, em horários regulares. Assim, a afilicção dos "passadores de Festa" intensificou-se. Obtida a casa, arrumavam-se os móveis e utensílios essenciais e deixavam-se a cidade. A anemia de uma esposa, após o parto; o reumatismo do chefe da família; a magreza de um rapasinho; o nervoso de uma filha, eram razões imperativas para o veraneio.

Esse nervoso, meu caro,
É molestia já da moda,
Se Xiquinha não engorda
Se Mariquinha emagrece
É o nervoso que cresce.

Se Belinha toma sustos
De qualquer caçadinha,
Da menina, coitadinha,
É preciso se cuidar,
Banhos, banhos e de mar.

Quando não fosse a sedução de uma vizinha que já alugara chalé no Poço ou no Caldeirão.

Olinda veio a ser preferida, depois. O banho de mar teve voga posterior à do rio. Ao obtê-la, porém, não saciou mais a ambição de prestígio e deu mesmo a essa vilagem um cunho de luxo e ostentação comentado pelos cronistas e vates côvicos.

Mas, lembre-se que esta terra
já não hé qual dantes era;
Só aqui o luxo impera
Só vejo rendas e fitas,
Fivelinhas exquissitas.

Assim, se D. Quitéria
Quiser seus banhos tomar,
Que não venha se embrulhar
No seu chalé costumeiro;
Gaste mais algum dinheiro!

Indistintamente esse ambiente de maior requinte de elegância foi limitado pelos demais centros de veraneio. Festas religiosas e profanas — públicas e domésticas — em todas elas requereram-se apuros de indumentária, de arte, de sociabilidade que mereceram dos publicistas elogios e ditrambos, quando não reparos moralistas.

A secção "Bom-dia" do "Diário de Pernambuco" inseria em uma edição de 1857 estes tópicos:

PERNAMBUCO

Página Atual

BOM-DIA

As festas de arraiá. He neste mez que regularmente se fazem em nossos arrabaldes as festividades das diversas capellas. De

anno em anno mais luzido se torna o apparato campestre que preside estes festejos e mais numerosa a concorrência que offerece o campo. Este innocente costume que de ha muito se acha arraigado entre nós, reputamo-lo uma necessidade para todas as classes da nossa sociedade. Os ardores do estio que afugentam para o campo tantas familias, despertam nellas o desejo de esquecer por algum tempo os trabalhos da vida, entregando-se a innocentes distrações sob a influencia de uma atmosphera mais branda e mais fresca, e por conseguinte mais restauradora e sadia. A doce e candida harmonia a que se entregam as familias do arraiá, as novas relações de amizade que por essa occasião se abrem, fortificam e consolidam os laços sociais e fazem desmaiar algum tantas as negras côres da intriga que separa os homens e os constituem inimigos uns dos outros. A pratica de festejar por esse tempo padroeiros de cada arrabalde depõe altamente em favor da religiosidade de nossa terra e da moralidade de nossos costumes. As festividades constituem o passatempo mais caro aos vistantes da cidade, e todos sabem que he justamente mais concorrido e povoado durante a festa o arrabalde cujo padroeiro tem melhor festejo. A carestia de todos os generos mais necessários à vida não tem arrefecido o ardor das festas de arraiá, e parece até que se preocupa nas frescas brisas do campo, e na crystallina agoa do Capibaribe, e Jaboatão, suavisar a acrimonia dos negros cuidados que a situação inspira. As festas do Poço, Santo Amaro, Jaboatão, Apipucos, etc. se annunciam como o mesmo, senão com maior estrepito; e as estradas que conduzem a estes apraziveis remanos do prazer e da felicidade offerecem aos domingos o mais bello e variado espectáculo. Ha uma multidão immensa e feliz que se arremessa por elas, cheias de galas, em procura dos bellos campos e das gratas harmonias da sociedade. He certo que o luxo já passei pelo campo e que as sedas custosas e os ornatos de subido preço já gostam de por em lucta com a verdura do arvoredo e com as lindas petalas das flores: mas o que querem? Depois que temos tantos vehiculos que facilmente nos transportem para fóra da cidade era impossivel que vicios desta não fossem tomar o seu lugar entre os costumes innocentes da aldeia. Não importa, quem gasta he porque pode ou porque lhe dão; ou ainda porque... não sabemos. O que he certo he que o sr. luzo tanto tem de ostentoso como de traiçoeiro; fie-se quem quiser nelle e depois quem poder que pague as custas.

O luxo a passear pelo campo com as "sedas custosas e os ornatos de subido preço" já já alterando os "costumes innocentes da aldeia". E para manter-se esse aparato trem da vida havia os que não podiam exhibir as bóas origens dessas ostentações... Isso era em 1857. Como se perpetuam os costumes e as criticas!

Os atrativos dessas temporadas explicava os sacrificios e o resto. A essas arrabaldes iam tre companhias de teatro, algumas francesas, e os clubes de danças abriam andares para balles e saraus.

O de Monteiro virou muita cabeça de 1870. O cronista elegante do "Correio Pernambucano", em seus rodapés preciosos, de quando em quando voltava às festas daquela sociedade, para descrevê-las com a veemência de quem nelas encontrava mais do que um passatempo e um assunto.

Diante das jovens a dançar êle expressava-se em francês:

*Ou brune ou blonde
Pourquoi choisir ?*

E não deixava de sorrir-lhe a veia poética:

Tem perfume essa boca mimosa
Que um azul beija-flor do vergel
Já tomou-a por folha de rosa
E uma abelha por favo de mel.

Quasi todos os arrabaldes preferidos para o passeio de Festa tiveram seus hotéis, de-

notando a atração desses recantos para os que não podiam ter um tétro próprio.

Esses hotéis annunciavam-se nos jornais exaltando suas condições de conforto, alguns com frases em francês. O de Caxangá publicava longo reclamo digno de ser reproduzido valendo por um instantâneo do tempo.

GRANDE ATENÇÃO

Hotel Caxangá

João Pereira dos Santos Farofa, proprietario do Hotel Caxangá, e seu gerente, vem por meio deste fazer ver ao respeitavel publico que acaba de construir um bonito predio, o qual, com bastante trabalho, concluiu agora a razão pela qual faz o dito predio, e montou este bonito estabelecimento foi a seguinte. Achando-se elle quasi a morte e sem mais esperanças de ter mais saude o seu medico o Ilmo. Sr. Dr. Teixeira e outros o mandaram para este lugar, afim de ver se elle ficaria melhor, ao menos para hir no vapor seguinte para a Europa, succede que o levaram num carro, dessa forma quasi não podia andar; chegando lá no fim de 15 dias somente com os ares do grande Ca-

corram afim de ir avante o seu bonito projeto e que serão muito bem tratados em tudo e por tudo, porque os tractos com amigos e não como hospedes. Também pede ás pessoas que lhe fizeram encomendas de quartos que se acham promptos até o fim deste mez, tanto para as familias como para rapazes solteiros, e que os previne afim de que elles venham até o fim deste mez, do contrario os dará a quem primeiro apparecer, afim de não perder seus ingressos e servir a todos, porque elles não chegaram para quem quer. Do 1.º de mez de Outubro em diante haverá todos os domingos musica e bom entretenimento para quem for passar o tempo.

Numa estampa do antigo Apipucos, do lapis de Schaplixi, aliás curiosissima, percebe-se bem num prédio no fundo do quadro o distico — Hotel — talvez o que se annunciava com o nome de Hotel Union de Apipucos.

A um dos de Caxangá faz referência Rodrigo Otávio num livro de memórias, tendo por êle também passado Nilo Peçanha, Pardal Malet, e talvez Castro Alves, acalorados a darem vivas à mestra, à contra e à diana de algum pastoril local.

Os recifenses sempre fizeram dessa "Festa" que lhes batia à porta mal as chuvas cessavam e Setembro entrava, com muita lua e já um calorinho, seria deliciosa fuga para a vizinhança das árvores e das águas. Elas compensavam de sobra aquêles três ou quatro meses numa morada tóca, dormindo-se em "cama de vento", guardando-se roupas em baús ou cabides, sem as comodidades do palacete ou do chalé da cidade. Mas com o chamariz social das novenas, das festas na vizinhança, das gostosas frutas, do banho no rio, dos contactos mais fáceis



Um aspecto do Recife dos velhos tempos

xangá melhorou logo e de ahí a um mez estava robusto e bom; mora lá ha dois para trez annos e nada mais soffre. Por tanto dedicou-se a edificar este predio e montar um grande hotel com todas as commodidades para qualquer creatura que se achar com qualquer incommoda ter neste magnifico logar onde more com toda a decencia e limpeza, afim de ficar bom e ao mesmo disfructar. Este hotel está com todo o respeito e acção que qualquer o pode ir ver e verá a verdade. Tem trinta quartos, sendo destes dez que tem um grande quarto de 30 palmos e uma sala ainda maior com camas proprias para casal e todos mobilados com decencia. Também tem um grande salão com bilhares elegantes, os melhores que podem haver para intretre os viajantes, tem outro grande salão para jantar, tem duas belas salas ornadas com quartos, alcovas, com camas bem preparadas, somente para familias descaçar, tem mais um salão para pessoas reservadas jantar e almoçar, separadas da mesa redonda; enfim a respeito do Hotel Caxangá ninguem que leia este acreditaria, só vendo; este estabelecimento está aberto desde Dezembro do anno proximo passado. O proprietario tem luctado com grandes difficuldades afim de achar quem o ajude; porém Deus que nunca falta a quem promete lhe mostrou agora um amigo que apezar de ainda não ter grande pratica porem tem as qualidades necessarias para saber servir e tratar a todos bem, cujo Sr. faz suas vezes na sua ausencia e está encarregado de todo o cargo do mesmo hotel; portanto João Pereira dos Santos Farofa pede a todos seus amigos e viajantes que venham ver e que con-

entre os sexos, e, por isto, dos noitados resultantes.

A Festa era de largos préstimos...

Ela, porém, com a ameaça do inverno, encerrava seu reinado annual. Voltavam à cidade os veranistas, com os seus frutes e trouzas. Os arrabaldes como que emudeciam, melancolizavam-se. Tudo era recordação e saudade.

Haveria alguma alma que nêles ficasse cheia de evocações, com o pensamento em "alguem" que se fóra. Talvez traduziam sentimentos assim êstes versos de antanho:

Tudo fala de ti, neste retiro:
A casa, a mata, os pássaros, a brisa,
O sol, a terra, a noite, o dia e a friza
Que no céu traça a lua no seu giro.

Tudo fala de ti, e um teu suspiro
Em tudo que me cerca se divisa.
Como que o rio piácido desliza
Mostrando tua imagem quando o amiro.

Não mais com tua voz doce me embalsa
E no meio de tantos esplendores
Tudo fala de ti... mas não me falas!

A Festa criava êses poetas liricos que ora cantavam as suas amadas ora as trenas ou os balles em que elas se mostravam com seus denços e louçanias.

Contudo em dias mais distantes dessa

(Conclue na pág. 18)

TERRA e POVO NO ROMANCE de JORGE AMADO

Haroldo Bruno

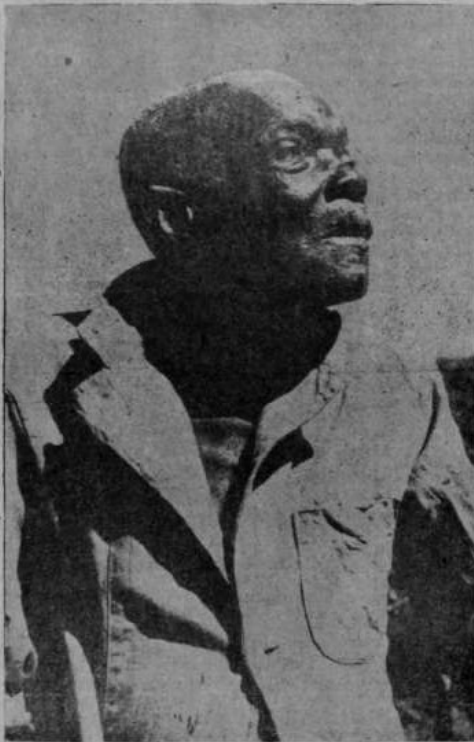
JORGE Amado é o tipo do chamado homem da terra, que levou para sua obra não somente os problemas regionais e a gente da Bahia, mas que revelou o mais profundo do sentimento e da realidade social do nordeste brasileiro; que soube criar uma verdadeira arte social, e também uma poesia, com largos fundamentos no povo. E' bem um daqueles romancistas dos quais se diz que têm força telúrica mexendo no sangue, e sabem traduzir a luta de milhões de homens para atenuar os efeitos dumha sociedade bastante fechada, desigual, hostil, que é inútil dizer seja a nossa. Seria como se através dele também se mostrassem os desencontros dramáticos da raça. Sendo essencialmente um elementarista, alguém que estivesse imbuído daquele sentido de pura terra — expressão que encontro em YERMA e que tão bem se ajustaria ao próprio Frederico Garcia Lorca, o grande poeta e sobretudo o grande homem assassinado num muro de Granada mas perpetuamente vivo no coração do povo embora uma vez por outra algum fariseista exaltado, na miséria orgulhosa estapideira literária, procure sujar a sua memória sujando-a a si mesmo, — por isto é que seus romances, dos primeiros aos últimos, teriam forçosamente de ser revolucionários. Ou então as tais influências determinantes de meio, de raça, de formação histórica, não passariam de conversa fiada. Que dizer dos escritores russos como Tolstói que antes mesmo da Revolução de Outubro já se deixavam arrastar, espontaneamente, sem idéia preconcebida de rebelião, pelos conflitos do seu povo? E não fala de escritores russos por acaso mas querendo intencionalmente sugerir as várias afinidades que depara a cada momento, entre o povo russo e o nosso. A propósito dos COSSACOS, de Leon Tolstói e principalmente da MAE, de Máximo Gorki, salientava eu em nota escrita em 1938 ainda hoje conservada inédita, a respeito deste meu ponto-de-vista talvez mais político que de teoria ou axiologia culturalista, o seguinte que Gilberto Freyre mais tarde confirmaria por si mesmo, com a sua autoridade de sociólogo: "O povo brasileiro é psicologicamente muito parecido com o povo russo. Não é de admirar portanto que a literatura brasileira siga um desenvolvimento quase paralelo a da Rússia e ambas se identifiquem pela mesma orientação social, pelos mesmos anseios humanitaristas, apresentando situações ou idéias comuns. Isto naturalmente mais como decorrência de condições históricas, sociais e econômicas semelhantes, que não ousaria entrar em explicações". Continuava desejando indicar como a heroína do romance de Gorki, a mãe obscura e sofrida, me parecia com as mães obscuras e sofridas do Brasil: as mulheres que por aqui no sertão morrem de necessidade agarradas ao filho, como me lembravam as mulheres das estepes. Sobre a história dos cossacos me surpreendia daquelas expansões livres do gênio popular russo, das palavras rudes de tio Erochka, da força juvenil de Olenin, da organização das stanitzas, das mulheres obedientes, das relações sentimentais dos homens, das danças e cantos — muita coisa bela e muita coisa ruim que falavam do Brasil.

Pela Jorge Amado, leitora, pertence à tradição dos Tolstói e dos Gorki. A literatura para ele ou para Lins do Rego, tanto quanto para os escravos mesmo da era do tazarismo nunca poderia ser uma criação intelectual abstrata; que não fosse mergulhar as raízes no solo, que não se inspirasse na vida de todos os dias, que não tivesse um sentido de interpretação do seu tempo, da sua terra, do seu povo. O contrário aliás não poderia se dar. Jorge Amado é figura das mais representativas da corrente regionalista, que nem sempre se resume ao estudo documentário de uma estranha região, ao seu modo todo peculiar de vida social e humana, aos seus costumes na cor absolutamente local, em que infelizmente vemos degenerar grande parte de nossos novos romancistas, mais interessados em fornecer diário tudo um quadro pitoresco, quase jornalístico, do que transmutar aquela concepção literária que, fugindo às preocupações esteticistas que o lugar-comum já batizou de torred-marfim, mas sem perder o objetivo supremo da arte, baseia-se na terra, no povo, na tradição, para deles tirar a verdadeira substância. Terra e povo seriam como uma massa plástica sobre a qual a arte deixaria suas impressões duras, porém nunca entidades absorventes que anulassem por completo a personalidade individual, que impedissem os escritores de manifestar abertamente os impulsos de sua criação, reduzindo-se a fiéis servidores daquilo que os sentidos retivessem no seu passado pelo mundo e a sensibilidade morta não conseguisse reproduzir ou transformar em coisas de beleza. Neste conceito de literatura que busca o homem em função de seu meio geral, — a que, se houvesse precisão, dever-se-ia designar, antes de literatura, social, sociológica, — e bem longe daqueles relatos sécos com que muitos repórteres, em linguagem de simples noticiário, pretendem cada vez mais contribuir para a sua deformação crescente, está situada a obra de Jorge Amado.

O caráter regionalista e as tendências sociais que hoje dominam quasi toda a estética brasileira, que vai da poesia à pintura ou à escultura, criou — permitam-me esta insistência — com as suas facilidades aparentes, uma subliteratura das piores. Tão ridícula quanto foram as subliteraturas romântica e naturalista, e os seus garajudores tão medíocres como um Machado e um Júlio Ribeiro, escritores que se atualmente ainda são lidos e citados é porque indicam uma época, servem de informação. Este fenômeno de grosseiro desvirtuamento de uma escola ou de um gênero se verifica, de maneira diversa e mais acentuada, em relação à poesia moderna: muitos poetas mais jovens procuram escrever nos moldes de 22, parados, indiferentes a menor evolução do modernismo, cujo movimento, hoje sem nenhum "modernismo" razoável, amplamente enriquecido como está por recentes experiências renovadoras, como as que realizaram Joyce ou Faulkner no romance, Franz Kafka na novela, Lorca no poema trágico, pela restauração do canto coral grego, e portanto na poesia, onde os símbolos têm um

valor cósmico, a terra falando pela boca do homem, já deveria ter sido estudado e classificado de outro modo; pois, uma coisa é certa, não vivemos literariamente mais sob o signo do modernismo, nossa geração está criando uma nova corrente de arte mais profunda que a modernista. E eles como se sentissem contemporâneos dos Mários de Andrade e não soubessem separar o ortodoxismo, — de resto um ortodoxismo bem justificável no caso pessoal do autor de MACUNAIMA, que foi sempre por exigência de temperamento, por irreverência espontânea, um demolidor sistemático de todos os modelos clássicos, — o elemento superficial e transitório do movimento suscitado pela célebre Semana de Arte, — não uma semana nem um mês, um longo período de elaboração tumultuária, prejudicado um bocado pela falta de serenidade e pelo gosto mórbido de originalismo de alguns, mesmo de Mário de Andrade da primeira fase, de PAULICEIA DESVAIRADA — daquilo que não havia realmente de nacional, de humano, de permanente. Sem querer me desviar mais, cito apenas o sr. Antônio Rangel Bandeira como alguém que tendo, sem dúvida, certa inspiração poética, deixou-se perder muito no desvario dos modernistas experimentais, desvario com que estou aliás de pleno acordo, na situação ou momento histórico em que se deu a eclosão modernista, mas não reproduzido agora em poemas que se salvariam se fossem menos "acadêmicos".

Na verdade para quem desconhece quanto o romance assim chamado social é complexo, nada mais fácil do que pagar numa banda de papel e ir ajuntando modismos, cenas curiosas, pornografias — as tão condenadas pornografias que às vezes, no seu devido lugar, constituem meios insubstituí-



Cento e quatro anos de idade... (Foto Berain)

veis de expressão, e se pecam pelo lado secundário da moral têm inequivocamente um grande valor poético. O interesse é informativo, a intenção é o novo, o sensacional. A arte que se arrange por outra parte. Será com certeza desta atitude de incompreensão que os restos da arte metafísica, quero dizer, daquela arte existindo acima de condições especiais e de temporalidade, ainda conseguem impressionar alguém e os seguidores de literatura social e regionalista, no bom sentido, são muitas vezes acusados de iconoclastas, de deturpadores da arte junto dos falsos romancistas regionais e sociais. O mal que bases altertadas fazem é enorme. Da mesma razão a que desacompenham inteiro esta espécie de romances. E por desgraça parece que o número dos repórteres aumenta enquanto rarcam os Jorge Amado e os Lins do Rego. Simples relatórios de acontecimentos sem importância passados em alguma rua de alguma cidade do interior, mais ou menos incompreensíveis para os moradores da cidade vizinha, vão tomando o terreno dos Romanças da Bahia e os Cielos da Cama de Açúcar, visão ampla de terra e da sociedade. No abuso desses limites subregionais, na crítica esmoosa de fatos provincianos, fixando a vida corriqueira, descendo a detalhes descritivos inúteis, e para onde se orienta a produção da maioria dos jovens romancistas.

A ação dos romances de Jorge Amado jamais se circunscreveria a ambientes fixos. O movimento, a variedade de aspectos e incidentes de que se reveste o destino de seus personagens, homens de todas as partes do Brasil, levam o escritor a mudar constantemente de cenário, a realizar saltos. O espírito de aventura que trás Touffick, o árabe, para

fazer contrabando nos portos do recôncavo, que manda os homens se amarem, ou matarem-se ao mesmo tempo com a violência de uns bichos, que os arrasta sempre a uma vida perigosa, — este é o clima que encontramos como nas melhores novelas universais de aventura. E o resultado é a rua se perdendo na cidade, a cidade se perdendo por sua vez em caminhos que vão se esmaranhar pela floresta ou a largarem-se infinitamente no mar. Nos seios claros de Jansina, dominando as águas do mar plúmbico nas noites de tempestade e vendaval do norte — somente no norte, porque nunca pude imaginar Iemanjá na baía de Guanabara, penteando os cabelos compridos, — aí, onde uma voz solitária, plangente, canta num forte velho que "é doce morrer...", os marujos, os mestres de canoas, as prostitutas que querem descansar o corpo. O mar-irmão, mar-mãe e amante de MAR MORTO e a floresta tropicalmente solene de TERRAS DO SEM FIM ampliam a perspectiva dos romances de Jorge Amado e, simultaneamente, unificam o extenso horizonte de sua ação. Explico-me: por estes caminhos homens e coisas do norte inteiro se encontram.

Não deixaria de haver muitos pontos de contacto entre Jorge Amado e José Lins do Rego, mas o que ressalta logo é que ambos estão fazendo uma obra cíclica completamente inédita entre nós. E uma obra que reflete admiravelmente o primarismo de nosso homem, de nossa terra, de nossa cultura. E porque os romances de Jorge Amado se estendem além das fronteiras físicas a toda uma área de sociedade ou cultura, porque a ação dos seus romances não está presa nos muros de uma rua nem de uma cidade, é que o autor de JUBIABÁ pode muito bem se chamar ao lado de um Lins do Rego, o romancista ou até mesmo o poeta do norte e nordeste brasileiro. Os mestres de saveiro, o Recôncavo, centro da vida proletária da Bahia, os senhores e escravos das grandes fazendas de cacau, costumes, e episódios que ele descreve, tudo isto adquire nas suas páginas, com as variantes locais, um tom de síntese geral da vida nordestina. Não foi só a ocasião que pensei descobrir em algum daqueles seus personagens mais fortemente caracterizados, disposto de vida suficiente para se imporem à nossa memória como seres reais, independentes das reações psicológicas mais íntimas de cada um, pessoa que eu mesmo conheci nas zonas pobres do Recife ou da qual os mais velhos me falavam insistentemente, que qualquer um de nós pode encontrar no dia em que for conviver com a mesma gente nos mesmos lugares que Jorge Amado escolheu para motivo de seus romances. Não disposto a explorá-los com a fria intenção de demagogia, mas reconstituindo o seu próprio mundo, o mundo do seu povo e do Brasil. Um guma menos romanesco, um mulato pernóstico como doutor Filadelfo, um velho macumbreiro como Jubiabá — o melhor pai-de-santo já transportado à ficção — os capitães de aria, os gigantes de TERRAS DO SEM FIM com aquelas impressionantes figuras dos Badarós, Rosa Palmeirão a de navalha no cinto, ou uma moça simples como Lívia, posso dizer que fazem parte também do meu mundo. Não são criaturas que nós pudéssemos encontrar unicamente na Bahia. Eu as encontro aqui mesmo na capital ou nos engenhos e fazendas de Pernambuco.

Não conheço pessoalmente Jorge Amado, porém pelo que me dizem amigos do romancista, acho que seus romances só poderiam ser isto mesmo: o retrato físico e espiritual de uma ou mais regiões que sendo, certamente, as mais expressivas da cultura e do homem brasileiro, no que eles possuem de radicados às tradições e aos valores da terra, no que eles têm de próprio e original, se transformam no retrato mesmo do Brasil. De um Brasil apenas entreolhado pelos nativistas líricos, um Alencar ou um Gonçalves Dias, e, posteriormente, descoberto e analisado, com profundidade e certo espírito universalista no modernismo completado pelo regionalismo de Recife, que foram, saliente-se de passagem, principalmente o retrato à terra dos nossos escritores, continuando através destas últimas gerações numa espécie de renascimento constante, renovado de nós todos como indivíduos e como um padrão de cultura. Em Jorge Amado, para quem lhe conheça a vida e sabe como ele ao inverso de muito intelectual anób é um sujeito realmente do povo, das coisas e da terra brasileira, esta perfeita integração nas fontes primárias e populares de nossa vida que será a constante de seus livros, de tal modo que só pensamos nele para colocá-lo antes de tudo na corrente universal dos escritores que têm uma terra e um povo determinados, junto dos Tolstói, dos Garcia Lorca, dos Gorki, dos Lins do Rego e dos Gallegos, esta compreensão em sentir e pintar como um homem de cavernas ou de tabas, na plenitude dos instintos, na comunhão mágica com as forças da natureza, com espontaneidade e quase um impulso cego de criação, os acidentes da terra, as palções primitivas, o lirismo rude e o dramático que não são produtos de uma cabeça culta mas uma comunicação direta com a grande terra e com os homens em estado da pureza intelectual: — isto não é mais do que um prolongamento sincero do homem na sua obra e uma quase imposição de sua natureza orgânica. Dizem ainda que é um dos cidadãos mais populares da Bahia; que quando ele volta a Bahia depois de uma dessas ausências tão longas no sul ou no estrangeiro, o povo recebe-o de braços abertos, sentindo-o no peito, como recebia outrora Rui Barbosa debaixo de manifestações ruidosas. E com muito mais razão deve receber agora a ele, Jorge Amado, que nunca tirou das vistas a imagem de ruas, de pátios de mercado, de igrejas, do cáis do pórtico, dos xanxós e candombins; que sempre foi um apaixonado de sua terra, embora dela esteja quase sempre afastado milhares de milhas, ao passo que a água de Hala talvez só se lembresse que era bahiano quando botava os pés na terra fofa da Bahia e via, entrecorrido, a massa ardendo com o seu verbo chamejante. Com mais razão fossem vê-lo em casa mulheres e homens do povo — insisto — porque nele está toda uma miniatura viva da Bahia e do nordeste, porque nele a Bahia e o nordeste cantaram e reclamaram alto. Não resta dúvida que o povo sabe pagar o interesse que lhe devotam os escritores, lendo e admirando os seus livros, conservando-os e exultando-os como alguma coisa, dele mesmo. E a verdade não quer dizer que um artista rompendo cretinamente os laços com o povo, não seja mais do povo, e o povo não tenha mais direito sobre ele, de desprez-lo quando a tradição for maior, isso explicando o modo que eles têm pelo chamado "público" que outra coisa não é senão o povo.

Ora esta dívida de gratidão para com Jorge Amado não pertence unicamente ao povo bahiano. E' também uma dívida nossa. Levando aos seus romances a Bahia, levou automaticamente Pernambuco e todos os demais Estados do nordeste que formam numa só paisagem geográfica, o mesmo

Lourdinha colocou o termômetro na gaveta e foi até a varanda. O vento balançava de leve os eucaliptos enormes e finos. O Laus fizera uns versos sobre os eucaliptos. Eram assim... Já não se lembrava. Estava se acostumando a não pensar e não se recordava daquilo que queria. Não importavam os versos; eram bonitos e falavam do "vento acariciando as longas fôlhas dos longos eucaliptos".

Tipo engraçado aquele Laus, com as suas manias, o seu humor. Dez anos de tuberculose.

O cemitério lá longe, bem defronte do Sanatório, o sol se escondendo atrás dele. Parecia o entêrro do sol, avermelhado, lembrando hemoptises. D. Elza morrerá assim, botando sangue, sem poder dizer o que queria. Seria algum segredo? Ou D. Elza que-

ria apenas despedir-se? Ela estava agora ali no cemitério. Qual seria o seu túmulo dentre aqueles pontinhos brancos? D. Elza era gaúcha. O clima do Rio Grande, a umidade que há por lá, deixaram-na doente. Fôra a primeira morta que Lourdinha viu em seus vinte e três anos. Guardará bem aquele rosto branco contrastando com a seda preta que lhe envolvia o corpo. Fôra o primeiro choque também. Os médicos e os veteranos não se emocionavam, mas Lourdinha ficou muito triste. Nesse dia conheceu o Laus. Ele a encorajara, fizera uma preleção sobre tuberculose, a doença que mata o corpo tornando cada vez mais forte. Contara quase toda a sua vida, mostrara alguns dos seus desenhos. Começara daí a sua admiração por ele, admiração desinteressada. Laus andava perto dos quarenta. Além disso era casado.

A cidade ia acendendo as luzes. Alguns rapazes voltavam do passeio da tarde. O cinzento do Sanatório confundindo-se com a noite, enorme e silenciosa.

A capela era ao mesmo tempo biblioteca e sala de reuniões. Lá ficava uma vitrola antiga, já fanhosa, e alguns discos. "Alone", um fox triste que embalara algumas gerações de tísicos, era o mais querido, talvez por sugestão do nome.

A biblioteca contava uns duzentos volumes, quase todos oferecidos por doentes que se haviam curado ou lá deixado pelos que morriam. As Irmãs iam "selecionando", e, de quando em vez, faziam desaparecer volumes "indecentes". Havia um "EU" de Augusto dos Anjos que por milagres es-

Imagens do Sanatório

Valdecir Freire Lopes

capara a todas as depurações. Esse livro, como "Alone", era preferido por grande parte dos doentes, e estava sempre pelos quartos. Talvez se devesse mais a isso de que a um negre a sua permanência na biblioteca.

Ao lado da capela era o quarto do Laus. Da porta, sentado em uma cadeira de palhinha, uma almofada à frente, ele assistia à missa nos dias em que estava com espírito religioso. Não às missas de dia de semana; essas, celebradas às seis da manhã, eram quase que exclusivamente para as Irmãs. Aos domingos, porém, a missa era uma obrigação. Fazia parte do dia, e todos, mesmo os que não eram religiosos, passavam ali alguns momentos de meditação. Depois era o poker, o xadrez, o pate papo no quarto do Laus. Comentava-se o último filme ou o melhor romance; falava-se mal ou se elogiava a coragem de alguém que morrera como herói

to, transformá-lo em mulher, mas esperava ainda fumar um "camel" em uma piteira feita do seu próprio osso.

Tinha os seus momentos de irritação, o que não acontecia ao Laus, mas, havia várias justificativas para isso. Amigos de Roxo, lá no Sanatório, apenas os companheiros de doença, os médicos, as Irmãs. Nenhum parente o acompanhava ou visitava. Eram todos de condição modesta demais para isso, e mesmo o Sanatório não era pago por eles.

Na morte, continuou sozinho, sem fazer alarde de que ia morrer. Foi como que uma compensação pelo que já sofrera.

Padre Sérgio era um libanês enorme, de torção maior que o corpo, e que chorava só em falar nos pais, bem velhos, que haviam ficado na Europa. Identificara-se tão bem com os doentes que poderíamos chamá-lo de tísico honorário. Dando uma de suas gargalhadas ou contando uma anedota, nos prestava, a nós e a Deus, muito maiores serviços do que certo frade cabisbaixo que ameaçava de morte próxima os doentes que não queriam confessar-se.

Padre Sérgio foi transferido, o Roxo morreu, depois o Laus. A Lourdinha hoje não olha mais para o cemitério nas tardes calmas de Belo Horizonte.

Março — 1946.



Poesia Viva

Maurilio Bruno

AINDA não havia aparecido, no Brasil, o poeta sem preconceitos, que sentisse plenamente a poesia dos homens comuns, que vivem simplesmente, alheios a tanta auto-crítica espalhada pelo mundo como verdadeiro sistema métrico de pesos e medidas a todas as atitudes, gestos e modos de vida, familiar ou pública, dos homens chamados modernos, no padrão mais planificado da civilização do século. Parece mesmo que os poetas do passado, em geral, tinham medo de se aproximar do homem verdadeiro de carne e osso, receando ver desmoronar-se uma concepção ideal que, sobre ele, haviam criado, ou sofriam de uma repugnância toda específica pelos odores e aspectos da natureza humana, e por isto haviam imaginado um coração que quasi nada tinha do órgão sensível e parecia mais formado de uma matéria plástica especial, tendo em torno dele levantado o seu mundo de inspiração lírica. Fora disto, muito pouca coisa se prestava à poesia, como os seios ou o sorriso de uma mulher, desde que fossem evocados, com muitas delicadezas, dentro de certos arranjos de cenários com sedas, rendas, perfumes suaves, presenças de anjos e de "nossas senhoras". E era só. O resto estava na categoria do prosaico, vulgar, burguês, quotidiano.

Quem tentasse fazer versos se afastando desses motivos consagrados, estaria sujeito a ser chamado de grosseiro, de anti-poético, de sujo até. Nada de paixões comuns; nenhuma concessão às formas familiares. Era o princípio universal adotado. Isto era no tempo em que a poesia constituía mais um exercício puro de retórica e de arte literária, obediente a leis de convenção, do que mesmo alguma coisa sentida, viva, conveniente, exaltada. Depois ela foi se libertando, nos poucos, tornando-se independente das regras que a oprimiam, mas ficou sempre um certo preconceito de origem atormen-

Andrade encontrou nêles um lirismo, uma substância poética comovedora, pela sua ingenuidade espontânea e natural.

Outros poetas já haviam se interessado pelos homens dessa classe. Castro Alves defendera os escravos negros, mas falara só em linguagem de brancos, palavras que só brancos entendiam e afinal de contas era a eles, senhores brancos, que interessava o entêndimento, porque iriam conceder o prêmio da liberdade. Castro Alves, o épico brasileiro, foi a voz que se levantou diante dos senhores de pele branca, para defender corajosamente os negros, porque o seu sentimento de justiça se revoltava em face da escravidão de homens. Mas não se pode dizer que Castro Alves tenha feito poesia negra com sentimento de negro, alma de negro. Ao passo que, sem a mínima idéia de estabelecer um paralelo entre poetas o que seria mesmo difícil de admitir, sobretudo tratando-se de poetas com traços tão acentuadamente pessoais de inspiração e realização poética, podemos dizer que nos versos de Carlos Drummond de Andrade se identifica logo a poesia do homem do povo,

tido" é uma pura história de amor, com renúncia e finalmente com essa senuação de felicidade que os simples sentem nas mínimas coisas da vida, nos detalhes que à primeira vista de espíritos mais ou menos deturpados por conceitos estéticos muito preconcebidamente superiores, figurariam como coisas brutas, pesadas, grosseiras, ofensivas à delicadeza e bom gosto de ambientes e almas refinadas. "O caso do vestido" é uma realidade lírica cuja unidade é obtida pela soma de todas as suas parcelas equitativamente distribuídas na totalidade do poema, de modo que é um prejuízo o seccionar esta unidade, fazendo transcrição de alguns versos. Sendo um poema longo, a dificuldade de reproduzi-lo no espaço limitado de uma crônica, impele quasi a copiar dois ou quatro versos onde se condensa um pouco a singularidade da aludida poesia popular, embora logo venha o arrependimento de sacrificar essa unidade. Neste caso serviriam de exemplo aqueles versos em que a mulher conta às filhas o acontecimento da volta da felicidade com a volta do marido à vida conjugal, a que o

não existia mais e era somente o caso de um vestido de seda e de uma beleza e mocidade passadas. E' a história de um piano e sendo o piano um instrumento musical de família, de aristocracia e até burguesa, que vai desaparecendo, de gente que está morta, de família que é uma coleção desbotada de retratos, de recordações antigas e de cousas que sucedem, inexplicáveis, malassombradas, de uma tecla que bate em horas de sono e ninguém sabe se é um rato ou o vento, piano preto, forma escura que se recusa a melodias se mão de moça fere as suas teclas, ele ocupa um lugar da sala com as suas memórias, e o poeta angustiado, presente, conclue afinal:

"E' um antigo piano, foi de alguma dona, hoje sem dedos, sem queixo, sem música na fria mansão. E' um pedaço de velha, um resto de cova, meu Deus! Nesta sala Onde ainda há pouco falávamos."

Nota-se que o poeta luta por enterrar ou sente que tem de desaparecer esse mundo passado, da sombra do piano preto, mas afinal um homem não pôde, assim de repente cortar laços tão fortes de tração. E' humanamente impossível, e mesmo há nêle, ainda, poesia tentando o poeta:

"Uma família, como explicar? Pessoas, [animais, objetos, o modo de dobrar os linhos, o [gosto de usar este raio de sol, e não aquele, certo [copo e não outro, a coleção de retratos, também, alguns livros, cartas, costumes, jeito de olhar, formato de [cabeça, antipatias e inclinações infalíveis: uma fa- [mília, Bem sei, mas esse piano?"

O poeta não se detém no enigma do piano, que é uma coisa do passado e a vida está gritando nos seus ouvidos e tem diante dos seus olhos grandes acontecimentos. Hitler quer conquistar o mundo e avança sobre a Europa para escravizá-la. Invade o solo russo mas o heroísmo obstinado de Stalingrado deixa-o estarecido do medo e de pavor, e o poeta, empolgado e comovido ao mesmo tempo, humaniza a cidade, enche de conteúdo humano cada pedra de calcamento de suas ruas e de suas paredes. Depois entra na penumbra de um cinema e a tela se ilumina e Charles Chaplin, um homem do povo, fica ligado a ele "por filamentos de ternura e riso". Acompanha o homem do povo que é Carilto, fala-lhe do amor que os brasileiros lhe têm e dedica-lhe um canto que não é "discurso" ou "acento burguês", mas um conto dos "homens comuns". Canto que se estende por muitas dezenas de versos, verdadeira narração de toda uma existência de homem do povo, que viveu e sofreu e recusou a falar até o dia em que não pode mais suportar tanta revolta dentro dêle:

"E nada dizia. E um boio, um engulho formando-se. E as palavras subindo. O' palavras demoralizadas, entretanto [salvas, ditas de novo. Poder da voz humana inventando novos [vocábulos e dando sópro aos exaustos. Dignidade da boca, aberta em ira justa e [amor profundo. Criação do ser humano, árvore tri- [tada, contra a miséria e a fúria dos ditadores. O' Carilto, meu e nosso amigo, teus sa- [patos e teu bigode caminham numa estrada de pó e esperança."

(Conclue na pág. 18)



O RECIFE MODERNO — Aspecto do bairro de Santo Antônio. (Foto Berzín)

tando a maioria dos poetas, que ainda se conservavam constrangidos fora de suas inexpugnáveis torres, junto dos homens, sentindo o seu bafo, sem poder esquecer o cheiro do cigarro ordinário e do suor, da barba crescida, e das mulheres e crianças doentes, raquíticas e amarelas.

Melhor estariam em suas torres, olhando-os através de um binóculo ou somente imaginando como deveriam ser, o que era melhor ainda. A poesia dêles, assim, sairia assada, alegre ou, quando triste, de uma tristeza que não repugnava, que exhibia sofrimentos de um modo discreto, velado, para não provocar sentimentos fortes, violentos ou repulsivos, todos anti-poéticos, mas destinados, apenas, a despertar uma sensação cinzenta de tristeza. Contudo, quasi propriamente, excessões vinham aparecendo.

Só agora, porém, o poeta Carlos Drummond de Andrade (1), na minha opinião, realizou a aventura de descoberta do mundo da poesia simples dos homens comuns, que se distingue singularmente por suas profissões, seus hábitos, sua maneira de viver seus prosaismos. Sentimentos e emoções dos homens comuns que nunca interessaram aos poetas, que eram mesmo olhados com desprezo. Carlos Drummond de

com a mesma linguagem, os mesmos modos peculiares no dizer as coisas, os mesmos gestos tão naturais, que permitem dar à leitura de alguns dos seus versos, — os de caráter mais acentuadamente íntimo — certas entonações de vozes familiares no mesmo tempo que contribuem para uma verdadeira reconstituição de cenas com pessoas reais e ambientes conhecidos.

Verdadeira poesia doméstica, de intimidade de família, de problemas sentimentais de esposa, de marido, de filhos, de drama que não precisa certas cores, certos artifícios literários para tomar sentido superlativo de intensidade, que se conserva sem traços de sensacionalismos, natural, com a pura essência poética que ele mesmo possui é a do poema "Caso do vestido", dos mais expressivos dêsse mundo descoberto pelo poeta Carlos Drummond de Andrade. O poema é talvez o mais original e mesmo revolucionário, do seu livro ROSA DO POVO, não só pelo conteúdo lírico de um acontecimento vulgar que na poesia brasileira ainda não havia entrado, mas sobretudo pela linguagem, tanto um quanto o outro o acontecimento em si e a linguagem, sem terem perdido nada de sua normal significação.

Para a gente do povo, "O caso do ves-

tido" é uma pura história de amor, com renúncia e finalmente com essa senuação de felicidade que os simples sentem nas mínimas coisas da vida, nos detalhes que à primeira vista de espíritos mais ou menos deturpados por conceitos estéticos muito preconcebidamente superiores, figurariam como coisas brutas, pesadas, grosseiras, ofensivas à delicadeza e bom gosto de ambientes e almas refinadas.

O barulho da comida, na boca, me acalentava,

me dava uma grande paz, um sentimento esquiato

de tudo ter sido sonho, vestido não há... nem nada.

Também de intimidade doméstica, história evocativa e até um tanto misturada de fantasia o que bem a distingue do "Caso do Vestido", que é história presente, atual, de fato real, acontecido na vida comum, é outra história, de sombra, do poema "Onde há pouco falávamos". Diferente do anterior, ele não é a história de uma "dona" e de um homem que deixou o lar para ir atrás dessa "dona" e voltou quando ela já



FRANZ HEINRICH CARLS, natural de Osnabrueck, Alemanha, era F. H. Carls, do delicioso Album de Pernambuco — talvez o primeiro album de gravuras editado por aqui. Um album que fixa aspectos do pôrto, da cidade, dos arredores; com tudo isso se apresentava em fins do século XIX; com aquêl ar tão bom de simplicidade, de pacatez, de doce serenidade; serenidade e pacatez nos homens e nas coisas.

Esse F. H. Carls era decerto um homem bom e simples a quem o Brasil atraiu e Pernambuco fixou prendendo para sempre a êle e aos seus descendentes.

Aluno de uma academia de Belas Artes, na Alemanha, veio primeiro à Bahia, e depois para Pernambuco, onde fundou a sua litografia denominada F. H. — Carls. Daí saiu o Album, um vistoso album com uma vistosa capa que apresentava as coisas mais curiosas e novas da época: um navio a vapor, de rodas; a ponte do Recife; um trecho de estrada de ferro; um recanto de floresta tropical.

Os desenhos são quasi ingênuos com as linhas de perspectivas exageradas; mas evocam subúrbios sombreados de mangueiras, rios em que descem canoas, a floresta dos mastros e vergas de patachos, de barcas, de

Um Velho Album De Gravuras

galeras que enchem o pôrto sem quebrar a sua paisagem de ancoradouro cheio de luz e côr.

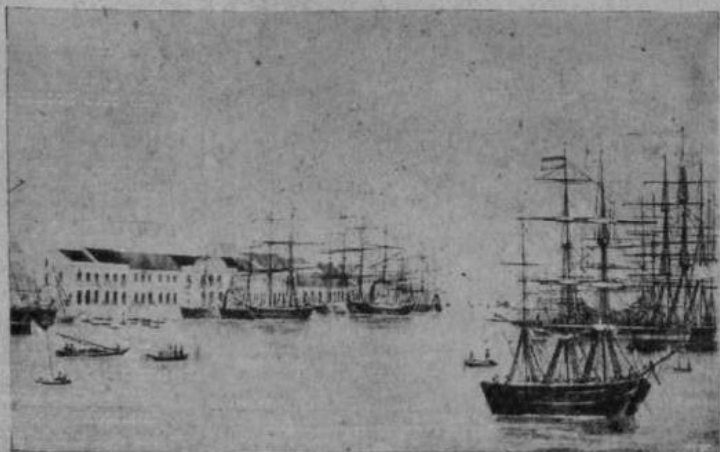
Hoje tudo isso é asfiziado e absorvido pelos grandes cascos negros, pelo fumo das chaminés, pelo resfolegar das máquinas...

As gravuras eram distribuidas nos dias 3 e 4 de cada mês aos assinantes, que pagavam dois cruzeiros; quarenta ou cinquenta gravuras constituíam um album. No exemplar que Werner Dreschler, seu sucessor e neto; possui preciosamente, lá estão as notas dos assinantes; velhos negociantes da rua do Bom Jesus, nomes arvezados de estrangeiros, antigos nomes de famílias pernambucanas.

"Nordeste" publica algumas dessas gravuras, reproduzidas fotograficamente por Alexandre Berzin. A praça da República, com o seu gradil de ferro e o pavilhão interno, onde bandas de música atraíam as famílias pacatas nos pacatos domingos do Recife de mil oitocentos e tanto. O pôrto, vendo-se ao fundo o edificio onde funcionou a velha "Com-

panhia Pernambucana de Navegação Costeira por Vapor", sim, senhores — o Recife já possuiu uma companhia com êsse título e com dezenas de navios que perlongavam o litoral, prestando excelentes serviços ao comércio às indústrias e a população que tinha um meio transporte cômodo e barato. Uma larga vista abranjendo parte do bairro de Santo Antônio, com a Ponte Buarque Macedo em primeiro plano, e ainda mais perto, negros carregando tonéis e graves comerciantes barbados e sem barbas discutindo as cotações — nada falta nessa gravura: as bandeiras do telégrafo ótico, os quiosques, os negros de tanga ainda em 1878 — os rebocadores puxando alvarengos, um esquesito cabriolé que avança pela ponte — a floresta de mastros e vergas de veleiros. Um trecho do rio, na pitoresca "Passagem de Madalena", vendo-se casas solenes, parques cheios de sombras, com os seus barcos atracados ao pé das escadarias por onde se descia o rio — Época em que o rio era um caminho nobre.

Época dos deliciosos vagares, quando a gente tinha tempo para olhar a beleza do rio, sentir a brisa fresca da tarde, e se deixar ir por aí além, sem maiores cuidados, penetrando-se de tôda a doçura do Recife de 1878, das velhas gravuras de F. H. Carls.



OS PROBLEMAS DO AÇÚCAR E A ECONOMIA PERNAMBUCANA

PALPITANTES DECLARAÇÕES DO SNR. JOSÉ PESSOA DE QUEIROZ

Regressou a esta cidade, do sul do país, o industrial José Pessoa de Queiroz, atual presidente da Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco. A sua viagem ao Rio se prendeu a interesses econômicos do Estado, onde teve importantes entendimentos sobre assuntos açucareiros de Pernambuco.

Procurado pela reportagem do JORNAL DO COMMERCIO, fez uma série de declarações so-

das populações — isso porque o açúcar é a economia básica dessa região. Eliminar esse excesso, pela exportação para o exterior, era o anseio de todos. Nesse sentido, encaminhou a Cooperativa uma campanha, que foi uma verdadeira batalha, para conseguir a autorização de ser exportado o excesso da produção.

Outro, em verdade, não foi o objetivo da viagem ao sul do país, do

dados incontestáveis a existência real de uma super-produção de açúcar e que tende a aumentar; o governo finalmente accedeu numa exportação inicial de 500 mil sacos para o país, sendo 250 mil sacos a quota para Pernambuco.

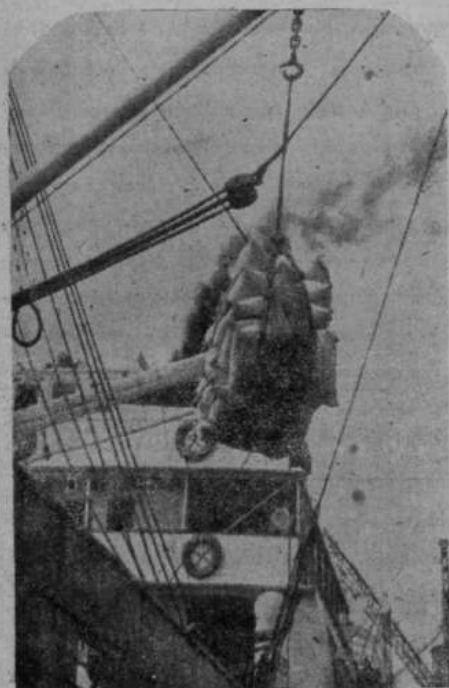
PROBLEMA DO CRÉDITO

Outro assunto que tratou, em relação aos interesses dos industriais do açúcar, foi o problema do crédito. Os financiamentos feitos pelo Instituto do Açúcar e do Alcool e pelo Banco do Brasil com a intervenção da aquela autarquia montaram em 170 mil contos. Além desses financiamentos lhe foi possível realizar vultosos descontos de títulos em conceituados bancos do Distrito Federal que vão a mais de 130 mil contos. E desse modo conseguiu desafogar a praça do Recife, que, apesar de contar o apóio dos bancos locais, não lhes era possível dispôr de numerário para tão grandes financiamentos, principalmente tendo em vista a grave crise financeira do Estado e o tamanho da nossa atual safra açucareira simplesmente sem precedentes.

Quanto à dificuldade criada com a moratória aos pecuaristas para financiamento dos usineiros — participantes que são igualmente dessa categoria econômica — foi afinal removida com a votação pelo Congresso de uma emenda legislati-



Sr. José Pessoa de Queiroz, presidente da Cooperativa de Usineiros de Pernambuco



Açúcar de Pernambuco para o Brasil e o Estrangeiro

bre os objetivos de sua viagem, que a seguir resumimos.

entrevistado, a quem inevitavelmente, se deve a obtenção dessa medida.

SUPER - PRODUÇÃO DE AÇÚCAR

De início, ressaltou que a existência de grande margem, na produção brasileira de açúcar — acima das possibilidades do consumo interno — representava uma gravíssima ameaça para o futuro da região nordestina, fonte tradicional e "leader" da produção nacional do açúcar. A super-produção do açúcar fazia surgir a constante ameaça de localização de grandes excessos nos portos dos Estados exportadores do Nordeste, com o sacrifício inevitável da economia regional

COMPLETO EXITO

A uma observação do repórter, diz:

— A minha viagem foi coroada de êxito. Foram vencedores os anseios dos produtores de açúcar do Nordeste. É certo, porém, que encontrei, de início, um ambiente inteiramente desfavorável aos nossos propósitos — exportar para o Exterior o excesso da produção de açúcar sem colocação no mercado interno. Após trabalhos incessantes, por nós encaminhados, ora expondo a realidade da situação básica da economia nordestina; ora, apresentando com

va, resolvendo plenamente o assunto.

"Os usineiros estão agora, com esse entrave, nos seus financiamentos, inteiramente afastado".

Ainda declarou que, durante a sua estada, teve ensejo de conseguir do Instituto do Açúcar e do Alcool a aprovação de um plano de construção de grandes armazéns no Recife, para guardar reservas de açúcar. Assim, fica assegurada a retenção das safras açucareiras do Estado, e consequentemente a defesa do açúcar durante o período normal do escoamento da produção.

ESTIMATIVA DA PRÓXIMA SAFRA

— O I. A. A. — acen-

tuou — está estimando a próxima safra 47-48 — já iniciada no sul do país numa produção de 23 milhões de sacos, na qual concorrerá com 6 milhões o Estado de São Paulo; 3 milhões e 800 mil o Estado do Rio, sendo Pernambuco incluído nesse cálculo com 6 milhões de sacos. Em verdade, todavia, pela nossa previsão, Pernambuco ultrapassará em muito os 6 milhões calculados. Em face disso, é indispensável contarmos com a exportação sucessiva para o exterior, não somente quanto ao saldo da safra de 46-47, como em relação ao grande excesso das safras seguintes, atendendo, antes do mais, ao consumo interno.

TRANSFERENCIA DA COMPANHIA USINAS NACIONAIS

A uma pergunta nossa, disse:

— Realmente também foi objeto das minhas atividades junto ao I. A. A., a transferência da Companhia Usinas Nacionais aos primitivos donos, isto é, aos Estados produtores e exportadores de açúcar, para o que contamos com o apóio do presidente do Instituto e vários membros da Comissão Executiva daquela autarquia.

Torna-se assim necessário que, assegurado o consumo interno do país, que não poderá exceder de 18 milhões de sacos o excesso, que será de 5 milhões, seja expórtado com facilidade e no tempo oportuno para que o produto não seja sacrificado pela umidade, deficiência de qualidade e pêso como está acontecendo ao açúcar que temos armazenado e que de há muito deveria ter sido expórtado.

PRODUZIR O MÁXIMO

Encerrando as suas declarações, salientou:

— "No que pese as consequências decorrentes da atual crise econômico-financeira, somos daqueles que ainda acre-



Milhares de sacos de açúcar, armazenados, esperam exportação

DOS TÍTULOS invocados pelos espanhóis para a conquista dos seus domínios coloniais na América e DA CONTESTAÇÃO que lhes foi oferecida, notadamente em Salamanca, pelo teólogo dominicano Francisco da Vitoria

GILBERTO OSÓRIO DE ANDRADE

Ainda mesmo antes de se fazer irremediável a decadência naval da Espanha com o desastre da Invencível Armada — o que, por assim dizer, conferiu à Inglaterra o decisivo estímulo para o início, abertamente, da sua expansão colonial — poucas não tinham sido as desavenças com os portugueses, motivadas, não raro, pelas incursões de navios britânicos, mercantes ou de guerra, às costas da Guiné, da Mina e do Brasil. Assim a reclamação do embaixador Diogo Lopes de Souza, formulada em 1555 perante a rainha Maria Tudor, e que resultou na quiescência da mesma soberana em adverteir "que de maneira alguma os seus vassallos poderiam ir comerciar aqueles domínios de África, direta ou indiretamente, nem ao Brasil", devendo os contraventores ter as mercadorias e os navios embargados e sofrer pena de prisão (1). Assim, também, a missão diplomática que levou Aires Cardoso à Inglaterra, em 1564, com o fim de obter de Isabel o embargo das náus que, segundo informações secretas, mud dignas de fé, assia el-Rei D. Sebastião se estava preparando para, de portos ingleses, zarpar com destino aos domínios portugueses de ultramar e ali comerciarem sem licença; Aires da Cunha voltou a Lisboa com a notícia de que os navios já tinham partido e cora a reafirmação da resposta dada por Isabel, dois anos antes, ao embaixador João Pereira Dantas, a propósito de análoga reclamação. A saber, de que "a Rainha não via motivo algum razoável para que seus súditos não pudessem ir nos países e províncias sujeitas à soberania e domínio de el-Rei seu irmão, — pois estavam em amizade com ele —, pagando-lhe direitos pelo comércio que ali fizessem: não obstante, em vista da reclamação do referido embaixador, ela, Rainha, proibira "a todos os seus súditos de navegarem para nenhum dos portos da coroa de Portugal", julgava que nenhum dos seus súditos infringiria essa ordem, mas si algum a infringiu seria castigado" (2).

Desarte, Isabel não somente evitava a resposta à principal questão, que era a dos navios britânicos armados para fazer o comércio nos domínios ultramarinos de el-Rei Católico, como também punha em dúvida a legitimidade dos direitos de monopólio que se irrogava Portugal, tanto mais quanto, nuaquela mesma resposta, dada a João Pereira Dantas, alegava que, "pelo que dizia respeito às outras partes de África ou da Etiópia, onde o dito Rei não tinha domínio, nem se lhe prestava obediência, nem pagavam tributo, S. M. julgava que não era razoável impedir os seus súditos de navegarem para aquelas paragens" (3).

Ora, isso era contrariar os fundamentos e os títulos mesmos a que Portugal se apegava para manter efetivos os seus direitos adquiridos quando da recente epopéia dos descobrimentos, e confirmados pela partilha pontifical do mundo em 1493. Debalde João Pereira Dantas retrucara a Isabel que a queles pontos da costa africana onde os portugueses não mantinham fortalezas e castelos não eram menos legítimos domínios de S. M. Católica, visto como lhe era ali prestada igual obediência e "todos os anos lá mandávamos expedições marítimas

que substituíam com vantagens as guarnições militares permanentes, das quais em cada cem soldados só escapava um" (4). Quanto a não pagarem tributo certos povos, isso não os eximia da condição de súditos, porquanto, si assim era, deviam, esses povos, à liberalidade dos reis de Portugal (5). Mas nem era Pereira Dantas um João das Regras, nem fora por meros escrúpulos suscetíveis de reforço jurídico que os soberanos ingleses se tinham absteído, até então, de contrariar deliberadamente a soberania ultramarina dos dois reinos ibéricos. Além disso, a contestação dos direitos mutuamente reconhecidos pelo Tratado de Tordesilhas já se fizera ouvir desde Francisco I, quando o rei de França, naturalmente pouquíssimo inclinado a reconhecer as "liberalidades" do Papa para com as nações hispânicas, afirmara "muito gostar de ver o testemunho em que o pai Adão tinha instituído "os seus príncipes de Castela e Portugal" legatários das terras ultramarinas..." (6). De que na Inglaterra, como na Suécia e na Holanda — nações tão pouco favorecidas pelas bulas de Alexandre VI —, também sempre se pensou da mesma maneira, dizem-no as amáveis palavras com que os membros do conselho de Maria Tudor sugeriram ao embaixador Diogo Lopes de Souza que mostrasse os títulos do Rei de Portugal aqueles domínios de além-mar. Parece que andaram sempre insistindo nisso ironicamente, porque em 1562 o português Rui Mendes de Vasconcelos dizia a Pereira Dantas que os ingleses estavam "cheios de pedirem testemunho de Adam", e, excitado pelos próprios zelos de bom lusitano a ponto de negar eficácia a soluções de ordem diplomática passíveis de austerar as incursões inglesas na costa africana, achava que o que se devia fazer era "perder o doo ao q. pode curar uma grossa armada, para tendo aviso que não partidos (os navios), os mandar meter no fundo" (7).

Na verdade, porém, o que se pretendia então negar eram títulos que, quando outorgados, o tinham sido mercê dos direitos de soberania universal que se atribuíam os Papas desde a Idade Média. A tal soberania não se arvoraram os pontífices, aliás, mercê apenas da autoridade moral e espiritual de que se investiram, nem tão pouco a custa dum herança romana da Idade da monarquia universal; e muito menos por força da suposta e discutida doação de Constantino. Foram os próprios imperativos dum época em que a Igreja teve a seu cargo, primeiramente, dirigir e ordenar o caos subseqüente às invasões, e em seguida, manter os frutos vacilantes aliás, da sua atuação. As lutas entre Gregório VII e Henrique de Suécia, entre Alexandre III e Frederico Barbarossa, entre Gregório IX e Frederico II são, nos séculos XI, XII e XIII, respectivamente, os principais incidentes que conduzem à definitiva proclamação da supremacia papal em 1302, pela bula "Unam Sanctam" de Bonifácio VIII, se bem que a soberania universal do Santo Padre já se tivesse abertamente declarado mais de duzentos anos antes, com Gregório VII.

E é de ver como a jurisprudência medieval só muito esporadicamente refutou a legitimidade

das concessões pontificais, fundadas no princípio da soberania universal, sobretudo quando tais concessões versaram sobre as ilhas afastadas (e lembre-se que a idéia dum América continental nem sequer se esboçara). Já no caso de ilhas próximas, não parece que a farruca continental nem sequer se tivesse exercido sem litígio. E o caso, por exemplo, do protesto de Afonso IV de Portugal, em 1345, contra a doação feudal das Canárias ao castelhano D. Luiz de la Cerda pelo papa Clemente VI, sob o fundamento de que três vezes português era o arquipélago: — por direito de descoberta, por direito de ocupação e por direito de vizinhança (8).

Em função de tais princípios é que Portugal se preveniu sempre, à medida que os seus descobrimentos se multiplicavam, procurando obter da Sé Romana o direito do padrão sobre as terras conquistadas, ou novamente descobertas, além do mar oceano; é que ao lado de tais outorgas, como as consignadas em bulas de Eugénio IV, Nicolau V, Calisto III e outros, não era raro se lhe reconhecesse, simultaneamente, a posse dessas terras (9). Essas especiais mercês pontificais não vinham a ser, de resto, uma atitude recente ou ocasionalmente assumida em relação ao Reino. Já desde os tempos de Afonso Henriques, e notadamente depois que a dilatação territorial lusitana se fez até o Algarve e daí avançou sobre os muros da África setentrional, era frequente conceder o Papa certas licenças e mesmo direitos de arrecadação (geralmente incidentes sobre as ordens religiosas) aos reis de Portugal, como na era das Cruzadas. Nada mais natural, portanto, que, às vésperas da redição de Granada — último reduto infiel na península —, e quando os portugueses, tendo varrido a mourama dos seus domínios, cooperavam com Castela para quebrar a última laço do Islã em toda a terra ibérica, mercê mais alta e missão de maior confiança fossem conferidas pelo Papa precisamente aos dois povos que se iniciavam a passo firme numa que já se antevia com a maior epopéia marítima de toda a história.

Era esta a segunda coincidência, tendo sido a primeira a tarefa comum de fazer triunfar o estandarte de Cristo na guerra multiseccular contra o infiel. A rivalidade em que os atirava, portugueses e espanhóis, a terceira incidência simultânea, foi concomitante. De começo, a febre das buscas: — el levante por el levante, el levante por el poniente. E certo que todas ou quase todas as iniciativas do ciclo cabiam a Portugal, inclusive porque, tendo-se primeiro desembarçado do árabe, melhor pôde encetar aquela grande fase científica e aventureira que culmina com a Escola de Sagres e desvenda novos mundos na transição do século. Esse avanço sobre os espanhóis talvez tivesse dispensado um elixir para a rivalidade todavia reinante, se em dado momento el-Rei Fernando não anunciara ao mundo que um tal Cristóvão Colombo, possivelmente catalão, possivelmente português, mas de todo improvável genovês, encontrara o caminho das cubiçadas Índias para a coroa de Espanha, entrando pelo mar oceano no rumo do ocidente.

O êxito do competidor — que



Fernando Cortes pisa o solo americano

só depois se soube não ser verdadeiro — não podia ter deixado de incomodar seriamente D. João II, rei de Portugal. Não vale a pena repisar, aqui, a sabida animosidade e as discussões que então se acirraram na península. O que importa é que foi justamente nessa crise que o Papa interveio, fundado na sua tradicional competência de soberano universal. E, pelas bulas de 3 e 4 de maio de 1493, Alexandre VI delimitou os hemisférios destinados, respectivamente, a Portugal e à Espanha, como campos de ação dos seus descobrimentos e conquistas.

Essa a partilha histórica em que se fundam os títulos de posse e de dominação dos povos ibéricos sobre a América, como sobre as terras de África e de Ásia, e cuja legitimidade veio a ser, depois, reiteradamente contestada. Cumpria salientar, todavia, que, mesmo quando falhou a competência pontifical para proclamar, correspondia essa partilha a um estado de fato inofensível, e que se acentuou, mais tarde, com a consumação do périplo africano, a conquista da Ásia, a posse das duas costas da América do Sul e da Central e um início de exploração da setentrional. Só então é que a incipiente navegação dos franceses, ingleses e holandeses começou a concorrer modestamente, mediante algumas tímidas excursões à costa atlântica da América do Norte. O pleno exercício, portanto, dos direitos adquiridos pelas bulas de Alexandre VI, e ainda mais a circunstância de que esse exercício não sofreu seria concorrência durante a expansão náutica lusoespanhola, justifica a ratificação concedida, em 1506, pelo papa Júlio II ao Tratado de Tordesilhas, mediante o qual, um ano depois da partilha pontifical, Portugal e Espanha tinham-se reconhecido mutuamente os direitos respectivos a cada um dos hemisférios delimitados pelo Borgia.

Acontece, porém, que os territórios novamente descobertos e conquistados mercê dos títulos decorrentes da doação papal não eram res nullius. Nem deshabitados, nem abandonados (res derelictus), antes povoados por numerosas hordas de bárbaros e selvagens, a legitimidade da ocupação d'elles fazia-se ainda mais discutível do que se o fôra simplesmente pela falibilidade da competência pontifical. A tese corrente, todavia, era a de que tais povos primitivos, simples de-

scobridores de fato, possuidores transitórios, deviam ser considerados incapazes de direito para exercer propriedade e soberania. Essa doutrina, geralmente adotada durante os séculos XV, XVI e XVII, ainda veio a ser retomada no século XIX pelos darwinistas; como seus refutadores modernos, citam-se, no século XVIII, Locke, Voltaire, Marmontel e Rousseau; mas o fato é que já em pleno século XVI, o século das conquistas, Francisco de Vitoria e Bartolomeu de las Casas ousadamente a repelliam.

De qualquer modo, consideramos que não com gente — Paracelso protestava contra a sua inclusão no gênero humano —, esses povos selvagens tinham uma existência real e habitavam as terras descobertas. Isso vale dizer que tais domínios tinham que ser obtidos, com a sua sujeição e a sua obediência, ou o seu extermínio, se preciso fosse. Já sabemos como, em muitos casos, talvez na maioria d'elles, eliminava-se o obstáculo pela força, o que confere geralmente à conquista, sobretudo das regiões americanas, um aspecto de verdadeira guerra de esbulho e de pilhagem. Mas não tremos as mínimas da ocupação, propriamente dita, com os incidentes de devastação brutal ou de mera transação pacífica, de alianças políticas e matrimoniais ou de imposição categórica do domínio. O que nos interessa, aqui, é seguirmos o desenvolvimento histórico dos argumentos teológicos, morais e jurídicos mercê dos quais se procurou sustentar a legitimidade da ocupação das novas terras.

E como nos gíngamos particularmente à História da América, tendo sido aos espanhóis que coube a maior parte do continente, será forçosamente entre estes que se terá de procurar o nexo dessa evolução dos conceitos porventura invocados para fundamentar o jus occupandi. A expansão marítima e a conquista portuguesa, pelo seu próprio âmbito dilatadíssimo, em contacto com circunstâncias etnográficas, sociais e económicas as mais díspares entre si, não nos poderiam facilitar, de momento, uma pesquisa dessa natureza, que requer, precipuamente, uma linha de investigações razoavelmente continua e uniforme.

A equiparação das regiões americanas ao res nullius, dado que se não tratava de território baldio ou de res derelictus, só se poderia conceber mediante a recusa, aos selvagens ameríndios,

de qualquer direito de soberania, ou de propriedade, como já vimos atrás. Daí, o teor daquele curiosíssimo ato de tomada de posse sobre os países descobertos na América, "redigido por uma comissão especial de teólogos e juristas" (10), e que não parece ser apenas uma "proclamação teológica pela qual a Espanha justificava-se a si mesma pelas guerras movidas contra os nativos durante os primeiros anos da conquista", fazendo-a "ter aos índios por um selvagem antes que as hostilidades pudessem vir a ser legalmente iniciadas" (11). É certo que a questão da "guerra justa" já constituía preocupação corrente entre os juristas e os teólogos ibéricos, sobretudo. Não é menos certo que, forçosamente, essa questão correu, a partir dum certo tempo, pari passu com a discussão dos títulos invocados pelos conquistadores para legitimar a sua ocupação das terras americanas. Mas é patente, todavia, que o chamativo, igualmente, a um ato de apreensão, onde, por sinal, se faziam referências expressas aos do "Requerimento" pretendia e direitos decorrentes da doação pontifical, ou seja: aos títulos, mesmo, de que se julgavam munidos os espanhóis, para se investirem na posse e na soberania daquelas terras ultramarinas.

Eis o texto desse interessante documento, pouco estudado até então, e que vos apresento conforme foi traduzido por João Francisco Lisboa (12):

"Da parte do Rei, e de D. Juana, sua irmã, rainha de Castela e de Leão (13), vencesores dos bárbaros e infieis, eu, seu embaixador e capitão, vos notifico e faço saber, munido dos plenos poderes a mim conferidos, que Deus Nosso Senhor, que é único e eterno, criou o céu e a terra, assim como o homem e a mulher, dos quais descendemos nós e vós outros, e todos os mais homens que existiram, existem, e hão de existir até o fim do mundo. Mas como aconteceu que as gerações sucessivas durassem mais de cinco mil anos, fossem dispersas pelas diferentes partes do mundo, e se dividissem por muitos reinos e províncias, visto como uma terra só não era cabal para os sustentar e manter a todos, foi por razão d'esse que Deus Nosso Senhor confiou o cuidado de todas as nações a um homem que se chamava Pedro, ao qual levantou por senhor e cabeça de todo o genero

(Continua na pag. 19)

Falam os Críticos

O LIVRO DO MES

Falam os Editores

NO CENTENÁRIO DE CASTRO ALVES

"O MAIS LÍRICO E TAMBÉM O MAIS OBJETIVO"

"NÃO admira o comovido entusiasmo em toda a parte do Brasil pela comemoração do centenário de Castro Alves, o mais lírico e também o mais objetivo dos nossos poetas românticos do século passado.

Apesar de muita estridente sonoridade e muita retórica que existem na obra poética de Castro Alves, e tão contrárias ao gênio mais refletido e sereno da poesia moderna, talvez seja dos poetas da fase romântica e de mais sugestão até hoje. E não tanto pela parte sentimental e lírica da sua poesia, em que o poeta se prende mais a êle mesmo, às suas impressões sensuais de amor, mas pelo lado épico da sua inspiração, pelo que ainda hoje ela exprime de reivindicações sociais, de paixão democrática, de idealismo revolucionário. Isto e mais os elans de fé, de piedade, de fervor humanitário que a exaltam pateticamente em muitas das suas estrofes é que, com mais ou menos entusiasmo, tornam essa poesia sempre presente no espírito das novas gerações".

(Olvio Montenegro — "Diário de Pernambuco"—16-3-1947).

"O POETA DA MOCIDADE"

"O jovem poeta aparecia justamente na ocasião em que se extinguiram duas correntes da poesia popular brasileira — o sentimentalismo de Casemiro de Abreu, de Laurindo Rabelo, e ainda de Alvares de Azevedo, e o indianismo de Gonçalves Dias e da primeira geração romântica.

Castro Alves trazia no seu clarim sons novos e alvitreiros; anunciavam êle aquelas idéias gerais, humanas, que Victor Hugo em sua flauta de Pan havia já cantado. Foi isso, principalmente, que lhe deu a fama e a glória. Não tardou a se tornar conhecido em todo o país. Seus versos sa-biões de cor a mocidade das escolas, e os recitavam nas solenidades e nas festas. Sentiu-se que havia nele alguma coisa que não tinha sido vista ainda; além do extraordinário talento verbal, da perfeição rara de forma, de surpreendente correlação da palavra com o pensamento, e de imagens verdadeiramente belas, havia nos seus poemas algo de novo, nas Vozes da Africa, por exemplo, certa emoção certo sentimento, "uma elevada idealização artística do continente maldito e das reivindicações que o nosso ideal humano lhe atribue", na expressão exata de José Veríssimo".

(Odilon Nestor — "Diário de Pernambuco"—16-3-1947).

"...O LÍRICO AMOROSO..."

"Em Castro Alves cumpre distinguir o lírico amoroso que se exprime quasi sempre sem ênfase e às vezes com exemplar simplicidade, como no famoso quadro de "Adormecida", do épico social desmedindo-se em violentas antiteses, em retumbantes onomatopéias. A este último aspecto, há que levar em conta a intenção pragmática dos seus cantos, feitos para ser declamados na praça pública, em teatro ou grandes salas, verdadeiros discursos de poeta-tribuno, a maior força verbal e a inspiração mais generosa de toda a poesia brasileira.

Castro Alves foi a última grande voz da poesia romântica".

(Manuel Bandeira — "Jornal do Commercio" — 16-3-1947).

APROXIMANDO-SE DE CASTRO ALVES

"Castro Alves é o primeiro poeta público do Brasil. Por isso se podia dizer que "encarnava os ideais poéticos da raça". Mas esta afirmação é, outra vez, ambígua. Certamente não se pretende afirmar que a poesia do bahiano representa exclusivamente a possibilidade poética brasileira: seria injusto porque assim como nenhum dos poetas citados, menos Castro Alves, saberia escrever "O Navio Negroiro", assim Castro Alves não escreveria "Marabá" ou "Ótimo credo", "Momento num Café" ou "Mãos dadas", "Encarnação dos ideais poéticos da raça", isto é, transposição dos ideais da raça — que nem sempre são idénticos com os dos poetas — para a poesia, pelo menos dos ideais de certa fase da evolução histórica. Castro Alves é o poeta de ideais cuja missão ainda não acabou no Brasil. A sua poesia esmelta-se a uma Estátua da Liberdade, emitindo luz fulgurante e discursos "retumbantes"; tomel enfi- prestados os adjetivos aos que elogiam em Castro Alves o poeta discursivo".

(Otto Maria Carpeaux — "O Jornal" — Rio, 9-5-1947).

RIVAL DE RUI E DE NABUCO

"Muito pouco houve nesse extraordinário poeta, tão ligado às praças do Recife quanto às ruas da Bahia, tão querido pelas atrizes mais salientes quanto admirado pelos estudantes mais ardorosos, de noturno, de íntimo, de particular. Daí tudo parecer tão meridionalmente claro em sua poesia. Foi — repita-se — uma poesia de céu aberto, de dia de sol, de comércio abolicionista, de palácio ou teatro iluminado para festa. Cana às vezes pelo excesso festivo de clari- dade.

Poeta quasi sem sombra. Poeta quasi sem mistério. Rui- val mais de Rui e de Nabuco do que outros poetas do seu tempo ou de hoje.

Estamos em abril e até agora nenhum livro notável a destacar neste ano de 1947. Mês de fevereiro, mês de carnaval, ficou virgem de um grande livro que merecesse um registro. E' verdade que apareceram o segundo volume das edições Conde — "Dez romancistas falam de seus personagens" —, mas esse é um livro fora do mercado, obra prima do senso estético de João Conde, o carinhoso dos "arquitos implacáveis". Por isso leitor não pode ser objeto de cogitação o volume de Cr\$ 400,00 que João Conde distribui somente aos assinantes de suas edições maravilhosamente ilustradas pelos Santa Rosa, Luiz Jardim e tantas outras desenhistas nossas ao lado de Amando Fontes, Graciliano Ramos, Luis do Rego, Jor-

ge Amado, etc. etc.

Vamos ver se nesse segundo trimestre esta seção poderá continuar a sua finalidade que é a de indicar o melhor livro do mês não só pelas suas qualidades genuinamente literárias como também pela procura que a obra alcançou nas livrarias da cidade e pelo interesse que tenha despertado em nossos raríssimos críticos de literatura.

Diante do mês de carnaval e dos acontecimentos muitas vezes carnavalescos que ocorreram antes e depois das eleições de 19 de janeiro, NORDESTE, em seu aparecimento, onota melancolicamente que o melhor livro do mês de fevereiro, embora estejamos em fins de março, ainda não apareceu... — A. J.

Nas Livrarias

De Graciliano Ramos, a editora José Olympio acaba de editar os romances "Candê", "S. Bernardi", "Angustia", "Vidas Secas" e um livro de contos "Insônia". Todos os volumes, magnificamente apresentados com desenhos de Santa Rosa rez capas, estão despertando um interesse invulgar no Rio, S. Paulo, Rio Grande e Recife, segundo recortes de jornais que realçam o valor do grande romancista alagoano, o ficcionista mais sério da novelística brasileira.

"Noite Grande", segundo romance de Permínio Asfora, autor de "Sapê", encontrou em Erico Veríssimo o seguinte julgamento: "Leitura muito interessante, dessa que a gente começa e não para senão no fim". O romancista paraibano Permínio Asfora com "Noite Grande" apresenta um quadro de tintas fortes da situação social do nordeste.

A anra, Lázinha Luis Carlos de Caldas Brito — puna que nome enorme para uma escritora — vem alcançando ruidoso sucesso com o romance "A Terra vai ficando longe". Só o título do livro é do tamanho de um romance.

Do prof. Lemos Brito acaba de aparecer "O Crime e os Criminosos na Literatura Brasileira".

TODOS OS LIVROS COMPRADOS NA LIVRARIA UNIVERSAL TEM DESCONTOS ESPECIAIS

LIVRARIA UNIVERSAL

Av. Rio Branco, 50 RECIFE

Mas com toda essa constância de clari- dade, com todo esse excesso de sol e de luz de dia de festa, uma das maiores figuras brasileiras de todos os tempos. Uma voz moça, esplendidamente eloquente, vigorosamente matinal, que não

"MAR DE HISTÓRIAS"

Uma admirável antologia que difere bastante das coletâneas existentes não somente no Brasil como também no estrangeiro. Não se contentaram os autores em escolher e traduzir, com perfeito conhecimento do assunto e muito bom gosto literário, algumas centenas dos mais belos contos escritos em três mil anos nas diversas partes do mundo: acompanharam o gênero desde seu aparecimento até os nossos dias, observando suas modificações no tempo e no espaço, investigando as influências que sofreram buscando a providência de seus motivos, mostrando suas ligações com os outros gêneros literários, como também com a religião, a história e o folclore. Além de longo ensaio introdutivo geral em que se estudam as origens e a evolução do conto, suas variações e seu conceito — e em que os autores se ocupam também com o problema da tradução, explicando o critério adotado na obra, nesse particular — cada conto é precedido de uma ótima notícia biográfica a respeito do autor, e acompanhado de notas de interesse histórico, geográfico, mitológico, linguístico, etnográfico, etc. Entre os contos, traduzidos com a maior fidelidade e extremo cuidado dire-

tamente de 17 línguas — sânscrito, hebraico, grego, turco, latim, russo, inglês, alemão, dinamarquês, italiano, francês, espanhol — há verdadeiras obras-primas, nunca antes vertidas para o português e outras que agora tem seu texto integral restaurado. Refletem êles todos os aspectos do gênero, desde o primeiro conto policial do mundo, encontrado em uma pirâmide egípcia, à amável lasciva de Boccaccio; da ingênua beleza das lendas medievais à ironia de Voltaire; da profunda esboredia das parábolas hindus ao realismo de Cervantes; da arte requintada do antigo Apuleio à simplicidade surpreendente dos contos populares modernos. Nas traduções de contos antigos, procuraram geralmente os organizadores da Antologia manter, até certo ponto, as características de linguagem e estilo do original, o que, contribuindo para maior fidelidade da versão, torna a leitura mais variada e mais viva. As partes em verso foram lidas vertidas também em verso, mantendo-se ordinariamente o mesmo ritmo e a mesma disposição de rimas do texto original.

(Aba do livro "Mar de Histórias" — Antologia do Conto Universal de Aurélio Buarque de Holanda e Paulo Rónai).

CAIXA DE CRÉDITO MOBILIÁRIO DE PERNAMBUCO

(Criada Pelo Decreto Estadual N.º 161, de 20 de Agosto de 1938)

End. Teleg. — "CREDOMIL"
TELEFONE, 9401 — CAIXA POSTAL, 649
AVENIDA RIO BRANCO, 23 - Recife - Pernambuco

DEPÓSITOS GARANTIDOS PELO ESTADO

Paga as melhores taxas de juros a seus depositantes

- C/C. de Movimento (retiradas livres) 4% a. a.
- C/C. Populares (limite de Cr\$ 10.000,00, com cheques) 6% a. a.
- C/C. com Aviso Prévio (avisos de 10, 20, 30, dias para retiradas até 30, 60 e 100% sobre o saldo da conta) 6% a. a.

DEPÓSITOS A PRAZO FIXO

- De 6 meses 6½% a. a.
- De 12 meses 7% a. a.

deixará nunca de ser ouvida e querida pela sua gente".

(Gilberto Freyre — "Diário de Pernambuco" — 16-3-1947).

SONATA a LILIAN

Tomás Seixas

A poesia tem de revelar-se por si mesma no homem; não pode ser amadurecida por leis e preceitos, e sim por sensações e vigilância.

KEATS (carta a George e Georgina Keats)

HEI de lembrar-me sempre de ti ó meu irmão enfermo e da penumbra densa que por tanto tempo envolveu o nosso [quarto

(nós vivíamos então uma época remota).
Estranhos preságios acumulavam-se todos os dias sobre nossas cabeças.

Quando o médico chegava com grandes circunlóquios.
Eram tantos os nossos caminhos de brinquedo!
Através do muro ouvíamos os rumores da rua, do outro lado, do qual com pavor já suspeitávamos e isso era um grande [segredo.
Mas nossos gestos às vezes eram lentos e logo nos fatigávamos dos nossos brinquedos.

Era como se a fada invisível houvesse chegado até o limiar [do nosso quarto.

E sorriamos fracamente, distantes um do outro já no fim e nos olhávamos como se subitamente nos houvéssemos tornado estranhos — e não era bem esse o nosso espanto.

Porque quasi sempre tudo em torno de nós era calma e [silêncio.
Então o sortilégio interrompia-se e zíamos correndo pela [porta do jardim.

MAS nem sempre o sortilégio interrompia-se e continuávamos assim indefinidamente.
Não havia distâncias nem palavras, tudo era silêncio e mistério.
Como medir então a gradação do tempo dessa estranho [sortilégio?

Uma mística nos envolvia e a sombra das nossas vidas [singulares se projetava sobre o grande espelho.
Nossa solidão era infinita de abandono nas sombrias salas [desertas onde tudo era diáfano como nossas próprias mãos enfermas.

OS mistérios, as advertências, os preságios vindos de um [domínio desconhecido, pairaram desde cedo sobre nossas cabeças infantis que a enfermidade precocemente fatigava.
Mais de uma vez afloramos os signos do mistério, e quando mais tarde saímos definitivamente do quarto e tivemos de ir às festas, aos lugares onde os outros se divertiam, e onde por vezes também nos divertíamos imoderadamente como crianças que por longo tempo estiveram privadas de [alegria, a amargura vinha sempre ao nosso encontro (antes ou depois das festas, às vezes mesmo durante a festa).
Era como se a vida, por um imperativo qualquer quisesse [desforçar-se do largo período em que nos mantivera reclusos.

OUTRAS vezes chegava o mágico e havia uma enorme e [festiva complicação de cousas coloridas sobre a mesa da sala de visitas.
O mágico!
Com ele eu podia falar, rir, brincar, livremente!
Ele compreendia tudo. Ele trazia sempre consigo cousas de [surpresas, palavras, gestos, brinquedos.

Era gordo desajeitado nas suas roupas enormes.
Ele andava sempre preocupado com máquinas e descobertas [novas cousas que deviam ser para ele, juntamente com as crianças, os brinquedos da vida.

O mágico tinha o condão de dissipar a penumbra que envolvia a minha infância.
Ele, somente ele, conseguia fazer da criança tímida e enigmática [fôrma que eu era um conciliado com o mundo, e fazia-me maravilhoso esse mundo, onde antes da sua [chegada eu sempre me julgava um ente à parte, uma coisa desfeita.

Ele era uma fonte poética de vida, com sua larga compreensão [ensão da infância que aos tristemente adultos se afigurava, por vezes, pueril.

MAS houve uma ocasião, singular entre todas, havia muito [que eu não via o mágico) em que tudo empalideceu de repente, e os candelabros ficaram para sempre ardendo na grande [sala muda.

Houve em casa um grande reboliço pela madrugada,

todos se levantaram em sobresalto e houve gritos e correrias pela casa.

Por fim cessou tudo e não se ouviu mais o menor rumor porque tudo aconteceu de repente.

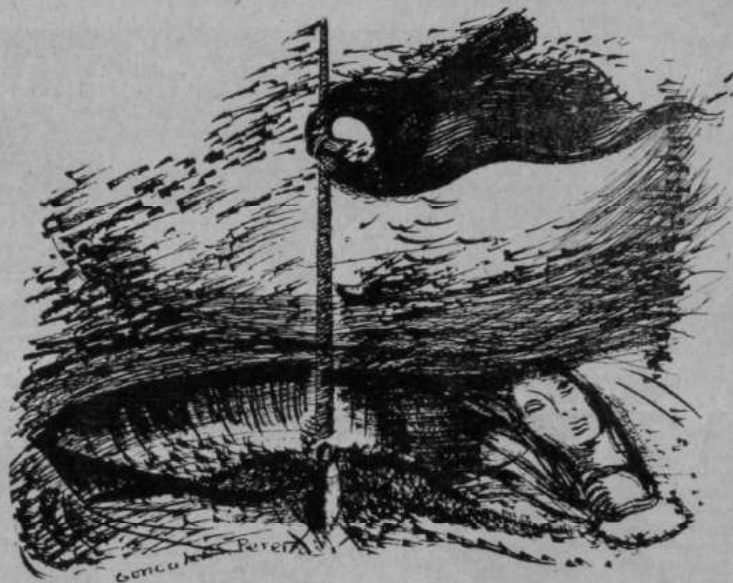
Nós vimos então refletidos, e pela primeira vez, no sombrio [espelho do hall e o outro trazia uma face conturbada, a mesma face que eu [ainda haveria de ver conturbada para sempre pelos vilipêndios [sem nome.

E o silêncio nos atormentava sempre nos dias que se seguiriam como se outro acontecimento infausto pudesse sobrevir a [cada instante.

Tudo em torno de nós ia-se tornando cada vez mais estranho. Era a época dos grandes crepúsculos, desde o leito até às [altas cortinas.

E havia a dança dos espelhos e candelabros austeros de tã [lha dourada cobertos pela poeira do sonho de muitas horas.

E havia o quasi imperceptível rumor de portas cantelosas [mente



Desenho de Gonçalves Pereira

fechadas por mãos invisíveis que eu imaginava brancas, diáfanas, movendo-se lentamente [na penumbra.

E havia a música leve e fresca do vento nas frinças das [portas em certas horas calmosas da tarde, sempre em seguida às [sestas,

e havia sempre espaços em branco, e havia em tudo um vago [desejo de morte.

POREM subitamente tudo se transformou e era como se esperássemos ou estivéssemos na iminência de acontecimentos agradáveis —

e era quasi sempre um amigo distante que chegava.

Folheávamos então o grande album e havia um perfume e [uma atmosfera como a dos quartos onde móveis usados foram esquecidos.

Compreendíamos então muitas cousas, e era o amor que nos fazia assim experientes, e tudo se multiplicava.

Mas de todos esses segredos só nós sabíamos, e muitas vezes nós chorávamos. As pessoas que nos rodeavam nada diziam, mas os cuidados [excessivos de que nos cercavam, e as visitas que nos faziam, e que eram subitamente interrompidas faziam-nos suspeitar de que algo de grave estava para [acontecer.

ERA sempre a atmosfera daquele quarto abandonado que [nos atraía, com o colorido singular das cousas aparentemente mortas, [cobertas de poeira onde brincávamos.

Havia tanta cousa eterna naqueles recantos!

Retratos de amigos e de parentes mortos, pessoas que eu [nunca vira mas de quem já ouvira falar, em grande molduras de um dourado já esmaecido; sobrecasacas, extravagantes vestes de seda, multicores, [poidas pelo tempo, laços, fitas, flores ressequidas, móveis empilhados, luvas, [cartas, medalhas, madeixas de cabelo guardadas em caixas de madeira que tinham um perfume esquisito, postais, vistas de países, de cidades remotas.

Havia ali, dispersas pelo chão, pelas paredes, nas gavetas, nas prateleiras, lembranças de outras épocas que revivíamos [solitários.

E era com alegria sempre renovada que fazíamos novas [descobertas: um retrato, um espelho de cristal, uma fivela de prata. O quarto abandonado exercia sobre nós uma fascinação [singular.

Todas as vezes que nos intervalos da febre eu conseguia burlar a vigilância das pessoas de casa, para lá me dirigia.

Mas a descoberta que me causou maior prazer foi a de um [antigo Atlas cheio de gravuras representando paisagens, florestas colossais, grandes rios, [animais de fauna exótica. Aquele Atlas era uma fonte de viagens maravilhosas.

Nele descobri o segredo do corpo humano, a sua divisão [interna reproduzida em planchas anatómicas coloridas.

Ali, no recôndito daquele quarto, meu sexo até então adormecido teve suas primeiras e dissimuladas palpitações.

Foi numa dessas tardes de encantamento furtivo que houve [na parede aquele estranho reflexo seguido de um inexplicável rumor de passos. Louco de pavor, quis fugir, mas a porta do recinto tinha [sido fechada por fora.

Soltei um grito abafado, e sem ousar olhar para trás, para os misteriosos passos que pareciam vir no meu encalço, [desmaiei de pavor. Lillian, que andava à minha procura foi quem me encontrou [desmaiado.

E eu nunca disse nada do que ali me acontecera, e ninguém nunca soube do meu grande medo, e nunca se conseguiu saber quem tinha fechado a porta.

Após essa experiência fui observando mais de perto, e qual-quer brinquedo estranho era logo condenado.

Cheguei mesmo a temer a presença do outro, daquele que eu costumava ver em noites de febre, daquele que eu vira no espelho com a face conturbada e que tão estranhamente se parecia comigo.

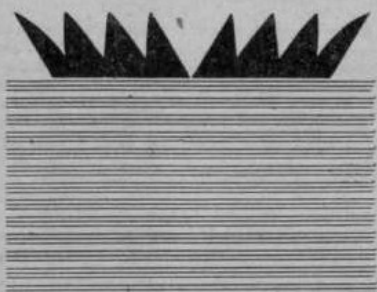
O médico que me observava continuamente proibiu-me [de brincar. Eu estava demasiado enfraquecido — dizia ele com um [certo gesto na direção da própria cabeça — e eu me sentia mesmo muito fatigado.

FOI então que chegou o Natal, tão ansiosamente esperado [por todos, e houve lá em casa uma grande festa.

E a festa era lá em casa, era no jardim, era na rua e era [na igreja.

E pessoas estranhas vieram me visitar, e todas as portas foram abertas de par em par, e todos tinham um ar solene e satisfeito.

(Conclue na pág. 11)



NA SUA CASA NÃO FALTA
o que é bom!



As crianças preferem as guloseimas aos pratos mais saborosos. É próprio da idade. Para contentá-las, as boas donas de casa têm sempre em sua despensa algumas latas da saborosa Goiabada Marca Peixe. Na merenda escolar, as crianças gostam da Goiabada Peixe. A sobremesa, todos em casa a apreciam. Há 40 anos sua fama empolga o Brasil.

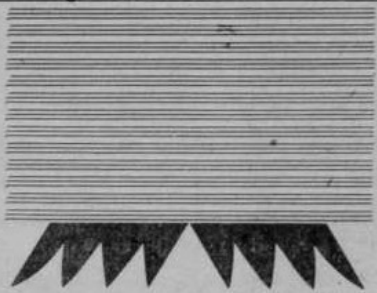


OUTROS PRODUCTOS MARCA PEIXE

Marmelada Branco - Sorvete - Paçoca -
Paçoca-Abacaxi - Laranja - Doce de Leite
Cebola de Goiaba - Cebola de Maçoque - Cere-
veja - Abacaxi - Goiaba em Gelado Especial
Doce de Leite - Caca em Gelado - Flocos em
Gelado - Extrato de Tomate e Molho de Tomate.

GOIABADA
MARCA **PEIXE**

"A GOIABADA QUE É FEITA DE GOIABA"



Um Tipo De Construção Inédito Para O Recife

A galeria de ligação entre o Almare, em construção, e o Almare existente foi, de todo esse ruído caso Carvalho & Cia., o detalhe que mais ficou impressionando a atenção dos amigos da cidade. E no grupo incluímos todas as pessoas sensíveis à existência de novos motivos de beleza arquitetônica e de singularidade ornamental, em nossa paisagem urbana.

Um dos mais autorizados comentaristas locais já fixou a importância dessa galeria, das suas paredes externas de tijolos de cristal. E não deixou de salientar o seu valor como refúgio para o pedestre castigado pela alternatividade das chuvas e das canículas, nem de antecipar a visão de belo jogo da luz se esbatendo no lado exterior da galeria.

É possível que ao leitor tenha ocorrido perguntar-se o motivo dessa inovação, pois até agora não se cogitara, no Recife, de cobrir-se uma rua, verdadeiramente uma "mignonne" rua em curva, com 7 escassos metros de faixa de rolamento. Também o DIÁRIO DA NOITE quis saber o porque, o como e o para que dessa espécie de laço em concreto que vai conferir um aparente ar de bons sismos ao Almare e ao Almare-Anexo. Tomou então, a sua reportagem o caminho dos escritórios da firma construtora Figueira & Jutá, no in-

tuito de satisfazer a sua curiosidade e a dos seus leitores.

E, agora, damos uma condensação do que nos explicaram, com a maior gentileza, o engenheiro Manuel Figueira e o arquiteto Hugo Marques, este como autor do projeto e aquele como um dos sócios da firma responsável pela sua próxima realização.

AS VANTAGENS DO PROJETO

Explica-nos o engenheiro Manuel Figueira:

— "Idêntica a essa galeria é "Le Passage du Panorama", que ninguém que tenha visitado Paris desconhece, a qual serve de intermediária a dois "boulevards". Na Berlim é antes da guerra, havia inúmeras e será bastante recordar a esse respeito a documentação fotográfica constante de vários números da revista "Modern Beaufort". O mesmo iríamos encontrar em Londres, Stokholm e em várias outras capitais européias bem como em numerosas cidades norte-americanas. E, sem sair de casa, não precisaria mais do que citar o Rio de Janeiro, com sua galeria do edifício Candelária, servindo de intermediária entre a rua de São José e a avenida Nilo Peçanha e constituindo a ligação da rua Rodrigo Silva com a avenida Graça Aranha, ou indi-

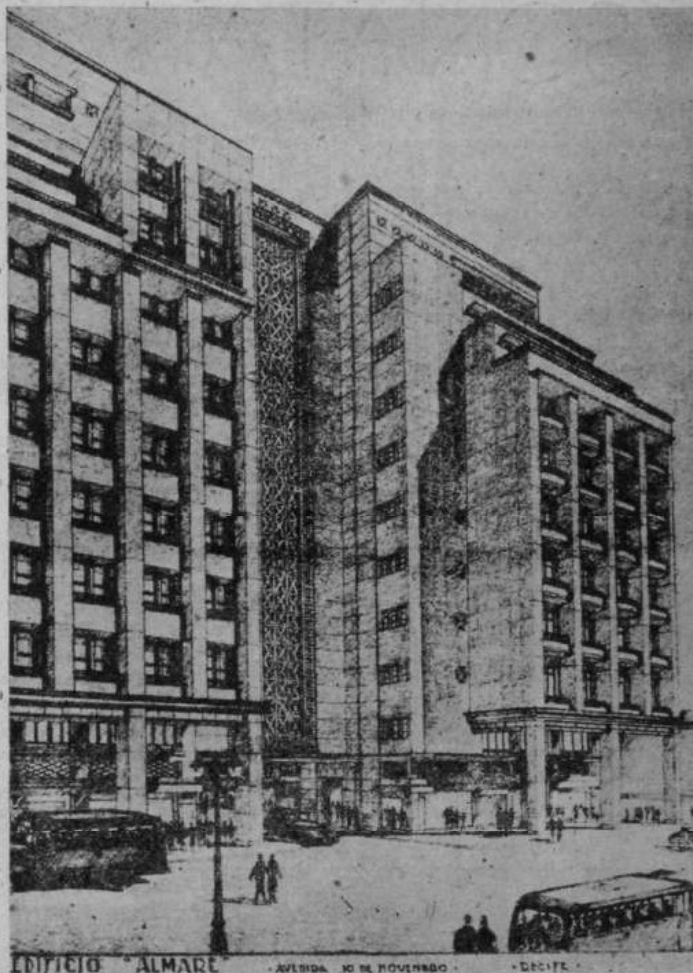
car as que se acham projetadas nas ruas transversais à antiga avenida Getúlio Vargas, hoje Castro Alves.

Entre as vantagens da nossa galeria, além das que nos interessam mais de perto, como seja a facilidade de se comunicarem os nossos inquilinos, de andar para andar dos dois edifícios, podemos indicar: o acréscimo na solução do problema da "fila" e o abrigo que se deparará ao pedestre, contra o sol e a chuva; a sua importância sob o ponto de vista da estética, concorrendo para enriquecer o panorama urbanístico da cidade; e a dupla vantagem oferecida à prefeitura, econômica e financeiramente, pois, ela ficará livre do ônus decorrente da pavimentação, conservação e iluminação da galeria, e ainda se beneficiará da arrecadação dos impostos referentes às áreas construídas sobre a galeria".

SOBRE O ALMARE ANEXO

Neste ponto pedimos ao engenheiro Manuel Figueira alguns detalhes sobre a construção do Almare Anexo.

— "Não poderíamos utilizar a área da rua que continua sendo pública e sob a qual passa uma galeria de águas pluviais, para estabelecermos as fundações auxiliares do Anexo, nem deveríamos, como medida de



Assim ficará o importante bloco dos Edifícios Almare

precaução, construir fundações contíguas às do Almare, já que estas se acham sob a ação da carga pre-estabelecida. Ocorreu-nos, então, adotar a treliça com altura de um pavimento e cuja composição permitirá claros suficientes para a instalação das esquadrias constantes do projeto.

Admitimos que a solução produza arrepios nos leigos e até mesmo nos profissionais desconhecedores dos detalhes que a indicaram. O próprio ineditismo de que ela se reveste justificaria tais arrepios.

A MODALIDADE ESCOLHIDA

Segundo a modalidade escolhida para o edifício Almare, ter-se-á uma estrutura do tipo monolítico, repousando sobre blocos e sapatas armadas de for. no caso, adotando-se 2kg. cm² para taxa mínima do trabalho do terreno. Nesta estrutura deve-se dar realce ao emprego de treliça em concreto armado, funcionando em balanço e cobrindo um lance de 10,00m, exatamente a largura da rua existente, por sobre a qual se criará a galeria desde o piso da sobreloja até o último pavimento.

Está fora de dúvida que se trata de uma estrutura muito pouco ou quase nada generalizada, pode-se dizer que de construção especializada, exigindo cuidados e controles especiais, emprego de materiais escolhidos, escoramento apoiado sobre caixotes de areia, de modo a se obter o "descimbramento teórico" indispensável, controlada e apreciada a primeira dessas operações com a aparelhagem do nosso Instituto Tecnológico.

Acomodadas sobre a ação das cargas reais que irão suportar, as treliças — corres-

pondendo cada uma delas a um pavimento — serão ligadas entre si por meio de tirantes articulados, de maneira a formar um conjunto praticamente indeformável.

Embora para uma solução dessa ordem se possa lançar mão de dados práticos já observados em trabalhos semelhantes — "hangar" tipo Caracol, por exemplo — e mesmo que o nosso departamento de estrutura, a cargo do engenheiro especializado Ondino Cardoso, já tivesse estudado o assunto sob todos os aspectos, achamos, como uma medida, a mais de prudência, a construção de uma maquete em escala 1:5, utilizando-se os materiais a empregar na realidade, para, assim, obtermos um conhecimento mais completo das solicitações correntes e real comportamento das diversas peças constitutivas da treliça.

Isso foi feito, valendo ressaltar que nessa parte contamos com a colaboração valiosa do I. T. E. P. e demais colegas, todos atraídos pelo ineditismo do problema. Esses detalhes serão, depois, amplamente divulgados nos mínimos pormenores, para conhecimento dos colegas e como uma retribuição de nossa parte pelo interesse demonstrado.

A ARQUITETURA DO ANEXO

Não é por simples acaso que

a arquitetura do Anexo obedeceu às mesmas linhas e diretrizes do edifício Almare. Nem que vá manter excelente equilíbrio quanto à fachada da avenida 10 de Novembro, pois, sendo contíguo ao edifício Arnaldo Bastos, projetado pelo saudoso arquiteto Heitor Mala Filho, estabelecerá com o mesmo, nas linhas gerais da arquitetura, elementos de concordância os mais felizes. E que a futura obra foi projetada pelo arquiteto Hugo Marques, também autor do projeto do Almare.

"O aproveitamento de áreas — diz-nos, ainda, o dr. Manuel Figueira — tanto nas relações entre terreno e área de construção, como entre esta e a área útil, é, também, os detalhes de iluminação, insolação, circulação e aeração, evidenciam, mais uma vez, os seguros conhecimentos profissionais do nosso projetista".

Ao despedir o reporter, o engenheiro Manuel Figueira declarou:

— "E" o que posso transmitir ao DIÁRIO DA NOITE, sobre um edifício que, com seus onze pavimentos e sua beleza, será uma das mais impressionantes massas arquitetônicas do Recife. E, também, sobre a galeria, entre os dois Almares, para cuja construção adotamos uma solução inteiramente inédita; e que virá a ser a primeira construída no norte do Brasil".



Aspecto da passagem por esta cidade do sr. Júlio de Matos e sua esposa, família que viajam pelo "Serra Pinto" com destino a Lisboa vendo-se lá também, entre os ilustres viajantes, o comendador Jaime Ferreira dos Santos, funcionários de alta categoria do Banco Comércio e Indústria de nossa praça

Leia na 2.^a página as bases do grande concurso de romances instituído por NORDESTE

SONATA A LILIAN

(Conclusão da pág. 11)

Mas no meio de tanta alegria eu me sentia inexplicavelmente
[te assustado
e meus modos eram frágeis,
e minha timidez era assim exposta.

E todos diziam que eu estava muito melhor, e me deram
[muitos presentes.
E houve gritos e risadas na sala de jantar, e tinidos de ta-
[lheres e de copos,
e todos estavam muito alegres.

E eu sentia uma grande estranheza naquela festa.
E eu sentia bem que vivia numa época remota,
e me esquecia de mim próprio, e me esqueci dos variados
[brinquedos.

POR essa época mal tínhamos acórdos dos dias, eramos semi-
[pre vagos, distantes.
Encontros que não tinham sido marcados vinham ao nosso
[quarto
e nunca foi tão grande em nós a tristeza do amor.

Era como se tivéssemos vivido mil vidas, era como se
[tivéssemos sofrido mil mortes,
e conhecíamos tôdas as dores, todos os disfarces.
Mas de repente tudo se transformou em precipitado e não
[ouve mais surpresas.

Vivíamos lado a lado e mal ousávamos falar, como se uma
[doença
estranha nos houvesse atingido.

OS dias de chuva tinham para nós o maior dos encantos.
Nesses dias eu transformava-me completamente.
Havia então em mim, nos móveis, em todos os objetos do
[quarto,
nos brinquedos, nos livros e nas flôres que me traziam,
[uma vida

essencialmente diversa da dos dias ensolarados —
uma vida mais espiritual, mais concentrada, mais lúcida.
Gostava imensamente das pessoas que me rodeavam nesses
[momentos,
dos seus passos pesados e tímidos que ressoavam abafados
[no soalho
das suas roupas de inverno, dos seus modos frios e distantes,
dos seus olhos (onde nos dias de inverno todo o amor pa-
[rece ainda mais se concentrar)
do ar enregelado que traziam lá de fora, das árvores, de
[sob a chuva.
E quando me deixavam minha solidão não aumentava mi-
[nha tristeza.
Ficava horas e horas submerso nos meus devaneios, vendo
[a chuva cair através das vidraças,
o céu e o voo nublado dos pássaros.

Ao anoitecer Lillian chegava ao pé do meu leito, ainda
[envolta no seu belo capote azul,
olhava longamente para os meus olhos que a febre dilatava,
em seguida contava entre risos as suas traquinadas no
[pátio do colégio sob a chuva.

AO anoitecer minha febre tornava-se mais alta e o delírio
[começava.

EU era um cavaleiro andante e caminhava pelas maravi-
[lhosas
histórias que lera ou ouvira mamãe contar.
Era uma doçura semelhante a dos dias de começo de con-
[valescença ou de infância.
E à medida que minha infância se extinguiu a convales-
[cença se acentuava.
Quase já não havia mais para nós lances inesperados do
[destino
quasi tudo havia sido previsto nos menores detalhes durante
as grandes fantasmagorias das noites de febre.
Mas nunca nos fatigou a repetição do espetáculo.

E no salão onde à noite nos reuníamos sempre como
convidados para quem a porta se abrisse pela primeira
[vez.
Hesitávamos às vezes no limiar, mas a força obscuro dos
De pé, hirtos, a princípio, víamos desfilar o cortejo.
[impelia para a frente.
Passávamos de sala em sala, em silêncio, contemplando
[o deslumbrante espetáculo,
e ninguém se importava conosco (era como nos dias de
[rebolço de gente grande em casa).
E era como se vivéssemos as vidas que outros já viveram.
Mas nessa misteriosa oblividência nos advertiu de que toda
aquela grandeza que amávamos,
todo aquele fausto de que sentíamos um desmedido e se-
[creto orgulho,

Foi quando Emi chegou, e esquecidos de tôdas as adver-
[tências,
de todos os preságios,
fomos arrastados irresistivelmente no torvelinho dos seus
[gestos,
Assim eu caminhei, através das mais graves experiências,
da púrpura alada da febre à sensação musical dos primei-
[ros beijos.

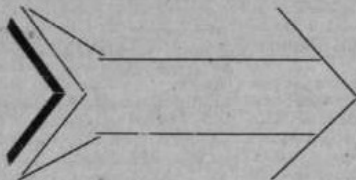
E minha primeira escapada foi um pequeno passeio no jardim.
E havia lá fora outras coisas igualmente graves:
a luz, os tanques, os cisnes, as alamedas, os largos espaços
do parque por entre as árvores
onde tantas vezes cismaram minhas lembranças.

Mas tudo aquilo era outra vida, da qual por longo tempo eu me
achara expulso, da qual, só agora, timidamente eu começava
[a participar.

E para lá do parque, além daquelas grades que me protegiam,
estava o mundo, o começo da linha de sombra, toda a bru-
[talidade da vida que me esperava.
Ali, naquele limiar, despedi-me para sempre da infância.

TOMAS SEIXAS

*Vista com distinção e com elegância
comprando o seu vestuário nas*



LOJAS PAULISTA

Voiles, fantasias, cambraias finas, brins de linho, "panamás", sedas, musselinas e grande variedade de tecidos de toda espécie, pelos melhores preços da cidade.

LOJAS PAULISTA

Fazendas

* Rua Nova * Praça da Independência * Largo da Encruzilhada *

COOPERATIVA Banco do Nordeste LIMITADA

Sede: RUA DO IMPERADOR N.º 310

Endereço Telegráfico: "BANORDESTE" — TELEFONE N.º 6260

RÉCIFE — PERNAMBUCO

EMPRÉSTIMOS — DESCONTOS — DEPÓSITOS

Secção de ADMINISTRAÇÃO DE BENS com carteira especiali-
zada em LOTEAMENTO e VENDA de TERRENO urbano

ALCIDES MARROQUIM
Presidente

WALDEMIR CARDOSO
Gerente

BANCO AUXILIAR DO TRABALHO

SOCIEDADE COOPERATIVA DE RESPONSABILIDADE
LIMITADA

Capital realizado Cr\$ 710.470,00
Fundo de reserva Cr\$ 24.212,00

DEPÓSITOS A MELHORES JUROS

Dr. João de Godoy e Vasconcelos
Diretor-Presidente

Dr. Carlos Araújo
Diretor-Gerente

RUA SIQUEIRA CAMPOS, 100 — TELEFONE: 6258



Uma sugestão da "CASA HOLANDA"

*A mais completa organização,
no norte do Brasil, para exe-
cução de móveis de requintado
gôsto e decorações interiores*

Casa Holanda Ltda.

*Criações próprias. Secção de
arquitetura especializada,
sob a orientação de técnicos*

*de renome. Tem projetado e executado os mais
luxuosos mobiliários e instalações para as des-
soas de senso artístico*

CASA HOLANDA LTDA.

Escritório: RUA DA IMPERATRIZ, 265

Fábrica: RUA DA AURORA, 1255

RECIFE --- PERNAMBUCO

Banco Comércio e Indústria de Pernambuco S. A.

Autorizado pela Carta Patente n.º 1476, de 20 de Abril de 1937, do Governo Federal (Diretoria de Rendas Internas)

13.º RELATÓRIO DA DIRETORIA, apresentado à Assembléia Geral Ordinária dos Acionistas, em 24 de fevereiro de 1947, referente ao exercício financeiro de 1946

SNRS. ACIONISTAS:

Em conformidade com o que prescrevem os nossos Estatutos e em obediência às determinações das leis vigentes, vimos com o presente, relatar-vos os fatos de maior evidência na vida do nosso Banco durante o ano de 1946, bem como submeter à vossa aprovação o Balanço Geral e as contas respectivas até 31 de dezembro próximo passado.

SITUAÇÃO GERAL

Mais um ano decorrido após o término da guerra e a luta pela conquista da Paz continua a desenvolver-se com toda a intensidade. As nações empenham-se a fundo por um acórdio geral que venha pôr termo a inquietação que domina o espírito da humanidade e apesar de alguns progressos feitos, aqui e ali, ainda se não vê claro o futuro que lhe está reservado. As "demarções" sucedem-se e prolongam-se indefinidamente, mas em certos casos estabelece-se uma confiança maior dando origem às ansiedades e incertezas da hora presente.

Os reflexos desta situação, projetam-se indistintamente sobre todas as nações e por isso não podiam deixar de afetar também o nosso país que, apesar disso, tem mostrado grande capacidade de resistência, enfrentando os obstáculos de ordem interna antepostos ao seu desenvolvimento econômico com a decisão e patriotismo que caracterizam o seu povo.

As medidas governamentais exercitadas anteriormente, no setor financeiro, não surtiram os resultados que, por certo, delas esperavam os seus autores. A várias dessas medidas, deram as classes produtoras, a seu tempo, o concurso da sua opinião experimentada que nem sempre foi ouvida ou seguida como era mais aconselhado e por isso é de confiar agora, quando os problemas nacionais ligados à economia em geral, apresentam características mais fortes de uma frequência maior, que medidas acertadas, eficientes e prontas, oriundas dos poderes competentes que acreditamos se acham empenhados na sua eficaz solução, venham remediar ou pelo menos atenuar os males apontados, trazendo para os quadros da economia brasileira um programa de auxílio e de trabalho que lhe assegure perspectivas robustas de êxito. Indicando seria que se começasse por fortalecer as instituições de crédito, de tradição e de conceito já firmadas, com medidas de apoio que lhes concedam o direito de trabalhar confiantes de que não estão lutando em vão contra a preponderância com que as circunstâncias favorecem idénticas organizações alheias ao nosso meio ou pouco interessadas pela sorte do nosso futuro.

A este respeito já o nosso Governo teve oportunidade de prestar ao país, em caráter de emergência, assinalados serviços de defesa econômica que produziram, a seu tempo, os benéficos efeitos a que se propunham. Necessário e urgente, é todavia, que prosiga esse programa tão patriótico.

Em nenhuma oportunidade mais propícia do que a atual, quando se está a processar o estudo de uma nova reforma bancária, para estabelecer e executar esse plano de ação o qual, se moldado nos princípios de uma doutrina econômica sã e honesta, terá de produzir em benefício dos altos interesses da Nação, os resultados compensadores a que faz fôr o esforço e a operosidade dos seus filhos.

Algumas sugestões de primordial interesse, neste particular, estão consubstanciadas na Conferência que o segundo signatário deste Relatório, realizou em 24 de abril de 1945 sob o alto patrocínio da Associação Comercial de Pernambuco e da Federação das Indústrias de Pernambuco e foram encaminhadas aos poderes públicos com um memorial dessas entidades datado de 15 de maio do mesmo ano. Citando-as agora, apenas nos ocorre que elas poderão servir de contribuição ao estudo da reforma a que aludimos atrás.

SITUAÇÃO ECONÔMICA

Apesar de se ter acentuado no exercício em relato, o retraimento geral dos negócios bancários, não perdemos de vista o programa a que nos comprometemos de procurar fortalecer cada vez mais a posição econômica do nosso Banco.

Graças a esse procedimento, podemos repetir ainda agora que essa posição econômica é a maior expressão local da nossa solidez e o melhor índice de garantia que um estabelecimento desta gênese pode oferecer a todos os interesses que lhe estão confiados.

De fato, os algoritmos mais do que as palavras comprovam o nosso asseio. Vejamos:

	Data Inicial 31-5-1936	Exercício de 1945	Exercício de 1946
	Cr\$	Cr\$	Cr\$
Capital do Banco	12.000.000,00	12.000.000,00	12.000.000,00
Realizado	600.000,00	8.289.750,00	8.289.750,00
Fundo de Reserva	25.000,00	540.985,60	642.098,90

Lucros Suspensos	801,40	506.196,40	306.347,90
Fundo de Depreciação de Imóveis	—	158.615,90	158.615,90
Fundo para Integralização do Capital	—	1.000.000,00	1.350.000,00
Fundo de Provisão	—	6.000.000,00	6.750.000,00
Fundos Pendentes	—	2.652.518,70	3.733.807,10
	825.901,40	10.148.066,80	21.231.219,20

Como se vê, o aumento verificado nas contas de Capital e Reserva, no período de 10 anos, completado a 31 de agosto próximo passado foi da importante cifra de Cr\$ 20.605.318,10. Neste aumento se inclui a quantia de Cr\$ 1.500.000,00 distribuída aos snrs. acionistas em 1945 e que correspondeu então ao dobro do capital que o Banco tinha nessa época.

E se além disso se considerar a oferta de Cr\$ 6.000.000,00 que há meses nos foi feita pelo prédio de nossa propriedade à Avenida Rio Branco n.º 193, onde deveremos instalar oportunamente a sede dos nossos serviços e cujo custo de aquisição foi apenas de Cr\$ 1.920.259,00 incluídas já todas as despesas, corretagens e impostos, então a cifra dos nossos fundos de garantia, eleva-se, pela diferença, a vultosa quantia de Cr\$ 24.685.059,40 e que é realmente apreciável como índice de solidez para todos nós e para os nossos prestimosos clientes e depositantes.

OPERAÇÕES

Explicadas, como já foram, as causas que originaram em todo o país, um retraimento geral nos negócios, não era prudente nem lógico que se alargasse a movimentação das operações do nosso ramo.

Todavia, no que respeita particularmente à nossa atuação, dedicados como sempre estivemos ao manejo dos negócios legítimos e integrados com todo o vigor da sua expressão no desenvolvimento da economia do nosso Estado, todos os esforços empreendidos para que não faltasse à nossa acreditada clientela o auxílio e a assistência financeira que a sua movimentação necessitava.

Não obstante terem, de certo modo, escasseado as fontes de captação, foi-nos possível contudo manter acima dos níveis anteriores o início das nossas colocações e assim atender, da melhor maneira aquela finalidade.

As cifras representativas destas operações apresentaram os seguintes saldos no fim do ano de 1946, em comparação com igual data do de 1945

	31-12-1945	31-12-1946
	Cr\$	Cr\$
Depósitos em C/Corrente	53.434.494,10	52.004.617,00
Dep. a Prazo Fixo e Pré-Aviso	57.134.348,10	54.212.528,90
	110.568.842,20	106.217.145,90
Descontos	65.189.373,40	90.251.902,40
Empréstimos	50.754.563,20	58.883.151,50
	115.943.936,60	149.135.053,90
Soma geral dos Balanços	226.512.778,80	255.352.200,00

AGENTES E CORRESPONDENTES

Continuou, no exercício em relato, a crescer de maneira apreciável, o nosso intercâmbio com os AGENTES E CORRESPONDENTES do País. Esta apreciação pode ser avaliada pelos números que se seguem, correspondentes ao valor das títulos existentes em nossa Carteira de "Conta Alévia", que possui, de Cr\$ 52.589.508,40 em 31 de dezembro de 1945, para Cr\$ 77.083.665,10 em igual data de 1946.

Neste período fomos novamente honrados com a designação do nosso Banco para representar vários outros estabelecimentos congêneres localizados principalmente no Sul e continuamos instados por outros mais, do Exterior, para o mesmo fim. Desvanecidos e sensibilizados por tão relevantes provas de confiança, a todos agradecemos, sinceramente a cooperação que nos prestam e o prestígio que nos outorgam, esforçando-nos, de nossa parte, por corresponder devidamente à sua expectativa.

NORRÁ SEDE PRÓPRIA

Ainda não foi possível dar início às obras de adaptação da nossa sede própria no impor-

tante edifício que para esse fim adquirimos à Avenida Rio Branco, 193. De um lado as dificuldades de deslocação dos seus ocupantes já oportunamente notificados e do outro a ausência na Europa, no último semestre, do nosso Gerente, em gozo de férias. Estes fatos concorreram para que se protelassem aqueles trabalhos. Esperamos contudo dar-lhes, dentro em breve, a necessária execução.

RESULTADOS

De acórdio com a demonstração já feita em 12-1-1947 através da imprensa local, do nosso Balanço Geral e da Conta "Lucros e Perdas", totalizaram-se em Cr\$ 14.793.988,70, os lucros brutos deste exercício, cabendo ao primeiro semestre ... Cr\$ 7.255.207,70 e ao segundo ... Cr\$ 7.117.781,00 adicionado o saldo da C/ Lucros Suspensos, de ... Cr\$ 420.011,20

a RECEITA, totalizou-se em Cr\$ 14.793.000,00 e fez face aos seguintes encargos e aplicações:

Despesas Gerais	1.079.122,40
Ordens e Gratificações	2.806.817,80
Juros pagos e creditados	7.418.538,30
Impostos e Contribuições	631.351,80
Amortizações, Depreciações e Provisões	317.576,90
Fundo de Reserva	101.713,30
Percentagens da Diretoria	203.426,60
Dividendos 24 e 25, a razão de 10% ao ano	828.975,00
Fundo para Int. do Capital	350.000,00
Fundo de Provisão	750.000,00
Lucros Suspensos para o semestre vindouro	306.347,90
	Cr\$ 14.793.000,00

Cumpre-nos esclarecer, na apreciação destes resultados, que houve, comparativamente ao exercício anterior, uma receita menor uma despesa maior. Em ambos os casos verificou-se a influência dos fatores de ordem social e econômica a que nos referimos no início do presente relatório e quanto à última, destacamos apenas a verba mais elevada que para esse aumento concorreu, seja de "Ordens e Gratificações".

No ano de 1945, tal verba cifrou-se em ... Cr\$ 2.429.259,00 e neste exercício, atingiu o montante de ... Cr\$ 2.806.817,80

consignando-se, portanto um aumento efetivo em 1946 de Cr\$ 376.558,80 em parte enquadrado na decisão Ministerial de fevereiro desse mesmo ano.

FUNDO DE RESERVA

Já tivemos oportunidade de não referirmos a linha de conduta que orientou o nosso programa de trabalho desde as priméncias da nossa gestão administrativa a respeito da constituição das nossas reservas econômicas.

Mercê desse procedimento a que obstinadamente nos devotamos, podemos agora destacar como uma das nossas decisões mais felizes e acertadas sob o ponto de vista atual, colocando o nosso Banco a altura do momento que vivemos, não só, de segurança altamente expressiva.

An encerramos o exercício, nossas reservas se totalizavam na vultosa quantia de Cr\$ 12.041.469,80 e estavam representadas nos seguintes títulos e valores:

Fundo de Reserva legal	642.398,90
Lucros Suspensos	306.347,90
Fundo p/Depreciação de Imóveis	158.615,90
Fundo p/Integralização do Capital	1.300.000,00
Fundo de Provisão	6.750.000,00
	Cr\$ 9.207.362,70
Outros Fundos Pendentes com finalidade específica contingente	2.732.507,10
T O T A L	Cr\$ 12.041.469,80

DIRETORIA

Cel. João José de Figueiredo: É com profundo pesar que rendemos a homenagem da nossa saudade a memória da nobre figura de cidadão que foi o Cel. João José de Figueiredo, falecido a 23 de abril de 1946. Entre os vários e importantes cargos que desempenhou nos meios comerciais, econômicos e sociais deste Estado, sobressaia o de Diretor da Companhia Phoenix Pernambucana a qual deu durante muitos anos o melhor da sua capacidade realizadora e inteligência de ação.

No nosso Banco desempenhou as funções de Conselheiro Fiscal e ultimamente a de Diretor-Secretário, na vaga deixada por outro prestimoso pernambucano que foi o saudoso dr. Arnaldo Olinto Bastos.

Com a eleição realizada a 21 de fevereiro de 1946 o Conselho Diretor do nosso Banco ficou composto dos seguintes acionistas:

Arnaldo Almeida Alves de Brito — Presidente (re-eleito). Dr. José Adolfo Pessoa de Queiroz — Vice-presidente (re-eleito). Dr. Murilo de Barros Guimarães — Diretor-Secretário, os quais se mantêm no perfeito desempenho das suas funções.

Durante a licença ultimamente concedida ao nosso gerente, foi este substituído pelos Sub-Gerentes, snrs. Hildebrando de Souza Breckenfeld e Waldemir da Silva Telles com a super-visão do dr. Murilo de Barros Guimarães que se houve essas funções, com a capacidade e competência de um perfeito técnico, sendo digno dos nossos louvores e agradecimentos.

CONSELHO FISCAL

Com a devida regularidade funcionou o nosso Conselho Fiscal com a presença dos seus membros efetivos, snrs. dr. Thomaz de Oliveira Lobo, Comendadores Alfredo Antônio Fernandes e Daniel Antônio Rodrigues. Na ausência eventual dos últimos foram chamados os Suplentes Miroceno da França Navarro e José Faício Corrêa Lima.

Para o seu parecer adiante transcrito chamamos a esclarecida atenção dos snrs. Acionistas.

Nesta reunião deverão ser eleitos os membros componentes deste órgão social, para o exercício de 1947.

PESSOAL

No tópico do presente relatório sobre "Resultados", tivemos a oportunidade de salientar que a verba mais elevada que figurou no aumento da DESPESA, foi a que se referia à remuneração do pessoal do Banco, em face de uma decisão Ministerial compulsória.

Necessário é todavia que se note que o nosso interesse em beneficiar o nosso pessoal, não decorreu nunca antes de qualquer compressão oficial ou extra-oficial, e sim na franca espontaneidade que nos caracteriza em premiar sempre da melhor forma possível a dedicação e o esforço daqueles que conosco cooperam e são na razão direta das possibilidades que o montante dos nossos resultados nos pudessem oferecer, em cada exercício vencido.

Haja visto, por exemplo, o que neste particular, já vinhamos fazendo até o ano de 1944, em cujo exercício a verba de "Ordens e Gratificações e Alôgos de Guerra" se elevou a cifra de ... Cr\$ 1.514.718,30 e em 1945, quando atingiu a Cr\$ 2.429.259,00 estando presentemente totalizada em ... Cr\$ 2.806.817,80

A diferença para mais, entre 1944 e 1946, é exatamente de Cr\$ 1.291.161,50, quasi o dobro do que era há dois anos.

CONCLUSÃO

Finalizando o presente, julgamos ter vos relatado o que de mais importante se evidenciou na vida do nosso Banco no decorrer do ano de 1946.

Se todavia desejardes melhores e mais detalhados esclarecimentos, estamos inteiramente à vossa disposição para vós-lo prestar. A Deus agradecemos o privilégio de termos podido viver mais esta etapa com o mesmo êxito dos exercícios passados e de nos proporcionar um índice maior de segurança para continuarmos no futuro a marchar firmes e confiantes em novas vitórias a par com a felicidade e grandeza que desejamos para a nossa Nação Brasileira.

Recife, 23 de Janeiro de 1947.

a) ARNALDO ALMEIDA ALVES DE BRITO
Diretor-Presidente

a) JAYME FERREIRA DOS SANTOS
Gerente

PARECER DO CONSELHO FISCAL

De conformidade com as determinações Estatutárias e dispositivos da Lei que rege as sociedades anônimas, reunidos em sessão na sede do BANCO COMÉRCIO E INDÚSTRIA DE PERNAMBUCO S. A., procedemos à verificação de todas as contas correspondentes ao Balanço encerrado em 31 de dezembro de 1946 e após o exame nos livros e demais documentos que nos foram apresentados, concluímos achar-se tudo em perfeita ordem e clareza.

Pelo exposto, e situando este Conselho de pleno acórdio com a aplicação dada aos resultados apresentados, somos de parecer que sejam aprovadas todas as contas do exercício de 1946 e suas demais atos praticados pela Diretoria.

Recife, 23 de Janeiro de 1947.

a) THOMAZ DE OLIVEIRA LOBO
a) ALFREDO ANTONIO FERNANDES
a) DANIEL ANTONIO RODRIGUES

TERRA e POVO

NO ROMANCE de JORGE AMADO

(Conclusão da pág. 4)

estilo de vida humana e social até historicamente. Isto porque, nós sabemos, a unidade cultural do Norte é muito maior do que outra qualquer do Brasil. O que não acontece no Sul do que São Paulo e Rio, por exemplo, de um extremo a outro diverge apenas naquilo que é rigidamente local e, por isto mesmo, constitui mero acidente que não altera, sob nenhuma feição, o quadro espiritual nordestino, nem quebra o ritmo de vida. Se, em compensação, cria um ou outro problema específico, modificando um quase nada o temperamento do homem, o *paideuma* — para me servir duma expressão pouco usual de Frobenius — será o mesmo.

E o que a gente pode constatar, comparando os personagens de Jorge Amado, criaturas enraizadas no solo da Bahia, a muitos personagens de Lins do Rego que nasceram e morreram no Recife. Moleque Ricardo, figura das mais vivas em todo a *Ciclo da Cana do Açúcar*, inclusive entre o maior poder trágico de Lins do Rego, além de significar a

OOO ap apopitwupw ap apopitwupw oyi soti sapibw MORTO. — neste romance, aliás é onde parece se concentrar afirmação definitiva do seu estilo e da sua técnica; moleque Ricardo, que vem impregnado do cheiro gostoso de mel de engenho e barro grudado nas canelas, é um ser semelhante a Guma, um filho do mar.

Há evidentemente certa disparidade entre um e outro: o romance de Lins do Rego se caracteriza por qualidades excepcionais de narrativa e introspecção naquele aspecto individual; daí construído em forma de memórias, mas o que sobressai em Jorge Amado é uma extraordinária capacidade de observação social e, às vezes argumentação psicológica também, digam o que disser sobre a sua insensibilidade para fixar estados delicados de alma. Disparidade que se acentua mais ainda quando os seus autores participam da vida das próprias criações e não podem deixar de emitir sua opinião pessoal. Esta participação é mais ativa no caso de Jorge Amado e por isto ele se torna mais humanitário e generoso. O drama de Guma o atinge diretamente. Ao passo que Lins do Rego se faz um tanto indiferente à sorte do moleque Ricardo — e a vida patriarcal, os senhores de bangue, a bigaceira contemplada da varanda da casa grande, a sua situação de descendente da arruinada aristocracia rural, tudo isto parece lhe seduzir exclusivamente. A impressão é que Carlos de Melo é um egoísta. Entretanto, nenhuma diferença fundamental notamos entre as criações destes dois romancistas do norte, quanto ao conteúdo. Para onde quer que os mudemos, de um ponto para outro da região, elas permanecem no fundo as mesmas, inalteráveis. Mais do que tudo, varia a atitude pessoal de cada um dos autores, impossível de esconder atrás da desculpa leviana de imparcialismo. Escritor não é escritor, já se tem dito. Para essa categoria de homens como Jorge Amado, homens do seu tempo, da sua terra e do seu povo, homens com a preocupação bem atual de justamentes destruir o falso conceito do abstracionismo tanto em arte como em outra qualquer manifestação da inteligência ou da sensibilidade, por uma preocupação quase ética, ou por uma fé, como a dos escritores católicos embora em termos diferentes, pelo destino do homem na sociedade, seria até ridículo eles se contraporem a sua diretriz ideológica. Porque nêles, além de ser uma exigência de temperamento, é um sistema de estética, o que condena a arte em si mesma como artificial e inexpressiva. E se ainda mais estendo este conceito defendendo um princípio de criação artística inteiramente livre, não só que permitisse a união daqueles elementos de escolas literárias, e romântica, a naturalista, a realista, a psicológica, a social, permitisse a união daqueles elementos de escolas literárias, e fixar os diversos aspectos do homem e do mundo e conseguir efeitos emocionais bem complexos, acima dos exclusivos e da própria lógica da crítica, de sua monstruosa hierarquia; como creio que a literatura, em particular o romance, deveria ser a imagem fiel do seu criador, com todos os exageros de imaginação, incongruências e até com os chamados erros de estilo: uma espontaneidade de conteúdo e de forma. Liberdade em face da vida ou da sociedade e diante da própria criação artística também. Ou será que a arte vai de tal modo se distanciando do homem que falar nêles significa ser mau artista? Quando vejo alguém condenar as "atitudes" do artista penso que se está proclamando a volta à "arte pela arte", ao estetismo puro. Aburrido.

A atitude de Jorge Amado, se é que ele tem atitude, consiste em participar de perto do destino dos personagens, sofrer os seus dramas miúdos. E creio que isso ele faz muito por princípio político do que por temperamento de homem de sua terra e do seu povo, como já disse. A posição do romancista é a mesma, quer se trate de injunções sociais ou de crises morais que os arrastam ao desespero, ao misticismo, ao crime e à vagabundagem, — posição de inconformado, de revolucionário. Diferente da de Lins do Rego, pois os homens que vagam pelas suas páginas, são uns tímidos, uns resignados ou uns pessimistas. Não têm força para lutar. Carlos de Melo é um parasita, moleque Ricardo sente-se escravo da padaria de seu Alexandre; de noite sonha com sua mulata no fundo do quintal, e é envolvido, contra vontade numa revolução, revolução que por sinal fracassa e os operários se entregam a um ceticismo dissolvente. Os parentes do engenho morrem de catagnação, de loucura, de vício. Tudo é sombrio e decepcionante. As criaturas de Jorge Amado, ao contrário, têm uma madrugada no coração: há uma grande esperança nos seus livros; em *MAR MORTO* os estivadores, a professora, o doutor, todo mundo espera um milagre. Guma faz contrabando, sua em cima do mestrado do saveiro para melhorar de vida. Os homens brigam de próxima e não temem a aventuras: famílias inteiras, de gerações a gerações, se exterminam com o mesmo ímpeto e ferocidade daquelas duas famílias de *BODAS DE SANGUE*. Os personagens de Jorge Amado reagem de qualquer maneira, não se rendem à adversidade, se fatalizam, à tristeza, à ruína, como os de Lins do Rego. Mas Lins do Rego quer mesmo exprimir um sentimento de desgracia, o que lhe vem da decadência do bangue, da dissolução da família, da extinção do seu mundo, o que simbolicamente seria a queda de toda uma civilização, a patriarcal e nobre. Jorge Amado é um anunciador de mundo novo. Ele não vê o necessário desmoronamento do mundo velho, só tem admiração pelo mundo novo.

Lamento que o notável biógrafo de Rio Branco, cuja crítica tem sido sempre um exercício de equilíbrio e bom senso, pudesse, por esta razão, considerar a obra anterior a *JUBIABA* ou *MAR MORTO* — não me recordo bem — como experiências que flocaram fora da literatura. Tenho o sr. Alvaro Lins na conta de um revolucionário, que procura novas formas e novos métodos para enriquecer mais e mais a sua atividade de crítico, a qual ele considera um dever profissional. De um inovador ou de um irrequieto, para quem esta atividade crítica é também e, sobretudo, criação e esclarecimento de fenômenos sociais. Creio mesmo que *PAIS DO CARNAVAL* ou *SUOR* não representam grandes livros, na medida em que rejeito *IAJA GARCIA* ou *HELENA*, de Machado de Assis. Mas, fora da literatura é que reputo francamente um exagero, pois eles quando menos indicam as primeiras tentativas do romancista e servem de elemento para explicar toda a sua obra. Pergunto se seria possível ao crítico de hoje analisar a obra machadiana sem a apreciação detida da *MÃO E A LUVA* ou das *HISTÓRIAS DA MEIA NOITE*; perceber a posição singular do autor de *MEMÓRIAS POSTUMAS* em face do romantismo decadente e do naturalismo vitorioso sem antes investigar o caminho inicial com a impetuosidade de quem então não havia conquistado o rumo definitivo, mas de algum valor literário — exatamente é o que significam aqueles primeiros volumes de Jorge Amado, através dos quais, do seu realismo crítico e do seu estilo umas vezes bombástico, outras melífluo, já se podia descobrir qual a força prodigiosa do romancista de *TERRAS DO SEM FIM*, especialmente o primarismo tão brasileiro e até americano de sua arte. Primarismo que, se para mim seria o melhor sinal de uma literatura brasileira autêntica, por corresponder a nossa evolução cultural ainda em estágios inferiores — a nossa cultura e a americana em geral — para muita gente é uma lastimável ignorância.

Onde o sr. Alvaro Lins pareceu-me particularmente injusto foi nos seus comentários a respeito do ABC DE CASTRO ALVES e *VIDA DE LUIZ CARLOS PRESTES*, aqueles dois grandes livros ao mesmo tempo de interpretação histórica e sociológica de duas épocas, talvez as mais agitadas de toda nossa evolução democrática, e de reconstrução das figuras do poeta libertador de uma raça e de um político, ou simplesmente homem do povo, sobre o qual dificilmente podemos fazer silêncio, por mais duros que sejam os antagonismos de idéias. Sobre o primeiro talvez esteja até de acordo com a opinião do crítico de *HISTÓRIA LITERÁRIA DE EÇA DE QUEIROZ*, porque na verdade nunca li esta biografia. Mas, se ela foi construída dentro do espírito que orientou a composição de *VIDA DE LUIZ CARLOS PRESTES* — O CAVALHEIRO DA ESPERANÇA; se existe por ventura alguma semelhança entre a do poeta e a do líder do proletariado, e bem possível que haja, pois estamos diante de dois temperamentos, de duas vocações de lutadores corajosos, de idealistas — pouco importando se bons ou maus idealistas — só pode tratar-se de uma grande biografia. E é bom esclarecer, não sob o meio de ser acusado de comunista, mas para excluir qualquer parcialismo na minha opinião, que julgando o livro *A VIDA DE LUIZ CARLOS PRESTES* não estou de modo nenhum caindo no erro das paixões políticas. Interessa-me no caso a obra, a peça literária em si mesma. Sei por outro lado que apenas a sugestão do título poderá preparar o espírito de quem não olha com olhos complacentes o gigantesco movimento operário que estamos assistindo para uma negação intransigente da obra. Procuro, porém, refletir serenamente e dela já não posso dizer, como o sr. Alvaro Lins, que é uma obra de propaganda, de doutrinação. E partindo desse argumento despreza-la inteiramente. Não sou católico praticamente mas nem por isso deixo de reconhecer o alto valor artístico de livros até apologeticamente sobre figuras da Igreja. Um personagem histórico como Joana D'Arc serviria de inspiração para um grande romance ou poema; pela mesma razão uma figura de herético, de político, de herói. Desprezando-a sem mais consideração não nos mostrou o sr. Alvaro Lins nem os possíveis defeitos de *VIDA DE LUIZ CARLOS PRESTES*. Ou não encontrou a mínima qualidade nas páginas desta movimentada e romanesca biografia? Está aí uma coisa que não creio. *VIDA DE LUIZ CARLOS PRESTES* poderia até ser a descrição da existência de um homem mediocre, sem nenhuma expressão humana ou social; vou mais longe: poderia até ser a vida de Lampeão ou Antônio Silvino, mas mesmo assim não perderia os seus raros atributos de verdadeira obra de arte. Uma biografia como nunca se escreveu no Brasil. Ai estão admiravelmente utilizados todos os elementos que constituem a grandeza dos seus romances. A gente talvez pudesse duvidar da verossimilhança do material histórico, devido à complexidade e acumulação de fatos, episódios, detalhes, porém tudo está escrito com aquela sua desordenada beleza de estilo, e o poder de caracterizar exterior e intimamente os seres que maneja aqui está ainda mais apurada. Quando digo acima uma biografia como nunca se escreveu no Brasil, estou pensando na originalidade, pelo menos técnica, na estrutura diferente, nessa maneira particular de se estudar uma vida e um épica.

Fôra o caso de um preconceito, não se pôde dizer que os romances de Jorge Amado formam uma literatura de trac, simples pretexto para atingir fins que são de todo alheios aos meios estéticos do romance. Do romance sem mistura, sem hibridismo, sem o pitoresco e o sensacional das reportagens, nos quais encontrásemos "um enorme talento de romancista" mas poucos recursos de escritor.

Não vejo uma literatura verdadeiramente social nesse caráter político que pretendem impingir a Jorge Amado. Vejo, sim, reações de um artista que nunca perdeu a humanidade. Mesmo naquelas livros da juventude, o humanitarismo do homem não empanou as qualidades do artista. Raramente alguém trabalha com maior perfeição a técnica tradicional do romance, e sabe inventar situações verídicas, e sabe comunicar vida aos seus personagens. Mas Jorge Amado é sobretudo um estilista admirável, sem a correção clássica de um Graciliano Ramos, é verdade, porém muito mais humano, muito mais flexível. E muito mais compreensivo, característico indispensável a uma arte substancialmente popular e que se explica melhor do que tudo pela vida. O mesmo podendo dizer-se da linguagem. Um estilo grosseiro como a fala desabocada dos homens do cáis do porto, dos camponeses das fazendas do sul; ou sensual

como a voz das mulatas; ou poético como certas coisas velhas da Bahia. E como certas coisas velhas da Bahia: sinuoso, construído sem grande rigor lógico. Um estilo intuitivo, ao contrário de um estilo de superfície. Sinto que aquela correção clássica de Graciliano Ramos em *SÃO BERNARDO* seria um despropósito mesmo em *TERRAS DO SEM FIM*, uma imprudência. Em Graciliano Ramos a arte fica no plano da vida, competindo com ela; em Jorge Amado, a vida é que dá sentido à arte. Não sei se se inadvertidamente, se transformando-a para o meu ponto de vista, tomo a definição de romance vital de Gide para emprestar a Jorge Amado. Romance vital e poesia vital.

Assim é que sem fugir à poderosa influência da terra e do povo, antes com eles identificada profundamente, a poesia está presente em quase todo romance de Jorge Amado, até naquelas que parecem excluir a mais próxima poesia do homem, em que esse homem de carne-e-osso e o mundo flagrante tomam conta de tudo, não deixando vaga a nenhuma expressão mais bonita, de efeito apenas emotivo. Aliás, claro que esta não é nem poderia ser a poesia de Jorge Amado. Literatura que incarna a realidade mesma, que trás a marca do homem vivendo com os pés firmemente apoiados na terra, se tivesse uma poesia emocional pura, seria um contrasenso. Como também seria um contrasenso se tivesse aquela outra forma de poesia que reduz o mundo circundante à categoria conceitual de símbolos. (Sim, porque eu penso que a arte realista serve-se muito menos da lógica que da intuição. A lógica tornaria esta arte uma coisa inerte, dissecada, enquanto que a intuição, compreendida como um sentido natural, um instinto pelo qual o homem mais rude chega à apreensão direta do dever, não só mobiliza a realidade como lhe dá o verdadeiro cunho lírico).

Por isto, leitores, qualquer romance de Jorge Amado será sempre uma mensagem de poesia que não descendo ao jôgo sonoro de palavras, nem se artificializando no hermetismo logicista, todos gostam e entendem. Quero dizer: entendem esta mensagem aqueles que, como Jorge Amado, conseguem penetrar o fundo poético da realidade, — este fundo poético que não resulta em nenhum mistério, cujo único enigma para ser decifrado exige da gente apenas querer tomar a terra e o povo mais do que como vagas representações sentimentais ou simples motivos para fazer literatura. Terra e povo como exclusiva, real e permanente fonte de vida. Este convite de *MAR MORTO* com que vou terminar é bem uma amostra de como a poesia de Jorge Amado consiste numa exaltação comovida de Terra e de Povo: "Agora eu quero contar as histórias da beira do cáis da Bahia. Os velhos marinheiros que remendam velas, os mestres de saveiros, os pretos tatuados, os malandros, sabem essas histórias e essas canções. Eu as ouvi nas noites de lua no cáis do mercado, nas feiras, nos pequenos portos do reconvoço, junto aos enormes navios sucos nas pontes de Ilhéos. O povo de Iemanjá tem muito o que contar".

Recife, Agosto de 1946.

HAROLDO BRUNO



UM NARIZ POPULAR

— Meu nariz consiste numa dessas lâmpadas comuns usadas em todo o mundo. Por este motivo reivindico, para mim, a condição particular de possuir o nariz mais popular do mundo.

Não há muito tempo Edison inventou meu nariz e, desde esta data, grandes passos foram dados para aperfeiçoá-lo. Hoje em dia presta inestimável serviço à Humanidade, não apenas como fator primordial de uma visão melhor, mas, também, como protetor contra os perigos decorrentes da escuridão — diz "Seu" Kilowatt, o criado elétrico.

POESIA VIVA

(Conclusão da pág. 6)

Os que não compreendem — e não procuram dizer, os que não querem compreender, porque afinal se assim o são do mesmo modo não compreendem, provado que está que compreensão é fenômeno ativo de absorvente paixão — podem acusar a poesia de Carlos Drummond de Andrade, de poesia intencional, de poesia *linha justa* e eu para defender o poeta e afirmar que amo a sua poesia direi que é realmente poesia intencional, poesia *linha justa* de um ideal e de uma emoção mais interiores, puramente espirituais, que não podiam deixar de coincidir com intenções e *linha justa* de outros homens, porque ser poeta é participar da vida no seu tempo e ser a mais sensível das criaturas e se apaixonar pelos sofrimentos e alegrias da humanidade.

Só uma vez, inexplicavelmente, não o compreendo, eu que sou leitor, pertencendo à classe geral dos leitores e como leitor é que falo. E' quando à "Procura da poesia" (2), o poeta dá conselhos que a meu ver estão em completo desacordo com sua intencionalidade lírica, empregada a expressão no sentido de interior, do que de dentro, da inteligência e do coração vem. Aconselha o desprezo pelo acontecimento, a morte e a criação, o amor da cidade, as afinidades e os sentimentos, a infância e a idade madura, e prega a paciência de esperar que cada poema se realize por si mesmo, passivamente, pela construção das palavras. Inexplicável e fria procura da poesia que contudo não quebra o ritmo vivo e apaixonado da coleção dos poemas. Na "Consideração do Poema", entretanto, o poeta faz a sua afirmação poética, muito diferente daquela fria procura de versos, daquela paciente elaboração do poema:

"Estes poemas são meus. E' minha terra e é mais do que ela. E' qualquer homem ao meio-dia em qualquer praça. E' a [lanterna em qualquer estalagem, se ainda as há — há mortos? há mercados? há docas? [ças? E' tudo meu. Ser explosivo, sem fronteiras, por que falsa mesquinhez me rasgaria? Que se depositem os beijos na face [branca, nas principais rugas? O beijo ainda é um sinal, perdido em [bora, da ausência de comércio, boiando em tempos sujos.

E' assim que se mostra o coração do poeta. Tem existência viva, é sensível, exposto, abomina as corações que o fecham, o protejam e o transformem em matéria dura, impenetrável, e a sua fé em alguma coisa muito superior, posta acima de tudo, é inabalável:

"Vamos, não chores... A infância está perdida.

A mocidade está perdida. Mas a vida não se perdeu.

Acima de tudo, acima de uma infância e mocidade perdidas, a vida está sempre presente e a sua presença é a força de uma fé que se alimenta dessa certeza de ela nunca perder-se, e portanto não há motivos para o desespero dos homens que não possuem infância, mocidade, amigos, casa, terras, direito de propriedade, mas têm um cão e podem olhar o mar e são consolados pelo poeta. Pior é a morte estúpida encontrada numa madrugada pelo leiteiro, moço do povo que ficou estirado no reento, sem pressa:

"Os tiros na madrugada liquidaram meu leiteiro. Se era noivo, se era virgem, se era alegre, se era bom, não sei, já é tarde para saber."

Mas o poeta sabe que a vida não parou, não se perdeu e a esperança continua a existir no coração, que tudo não é só confusão e noite, que no ladrilho escorrem leite e sangue do leiteiro, moço do povo, mas as

"duas côres se procuram, suavemente se tocam, amorosamente se enlaçam, formando um terceiro tom a que chamamos aurora".

(1) Carlos Drummond de Andrade, ROSA DO POVO, Livraria José Olympio Editora.
(2) *Idem, idem.*

MAURILIO BRUNO

Casa Almeida

Pedro Barboza

Banqueiro da EQUITATIVA (Cia. Nacional de Seguros de Vida)

Agente da STANDARD OIL CO.

Ferragens, Estivas e Refinação de Açúcar

Endereço Teleg. "CASALMEIDA"

INSCRIÇÃO N.º 9

RUA DA NOTÍCIA N.º 22

PALMARES — PERNAMBUCO

Grandes Moinhos do Brasil S. A.

"Moinho Recife"

Farinha de Trigo e Rações Balanceadas para Animais

FONOS: 9015-9017

RECIFE

PERNAMBUCO

THE GREAT WESTERN OF RAILWAY COMPANY LIMITED

SERVIÇO DE BAGAGEM

Providencie o despacho de suas bagagens com a devida antecedência, evitando atropelos de última hora, cooperando assim para a marcha dos trens em seus horários.

Não procure conduzir, nos carros de passageiros, volumes excedentes de 30 quilos, pois volumes de maior peso e grandes dimensões podem ser apreendidos nos trens a fim de ser despachados, sendo aplicadas ao frete as tarifas em dobro, com o peso mínimo de 50 quilos.

Verifique se suas bagagens estão distacadas com o nome do recebedor e estação de destino, retirando dos volumes todos os disticos usados.

A falta de disticos muitas vezes resulta no desaparecimento de volumes e consequente aborrecimento a quem os despacha.

*

TOMAR O TREM EM MOVIMENTO É PERIGOSO

COMODIDADE - RAPIDEZ - ECONOMIA - SEGURANÇA

Recife, 13 de maio de 1947.

A ADMINISTRAÇÃO

A FESTA ESTA NA PORTA!

(CONCLUSÃO DA 3.ª PAG.)

convivência amável e intensa desses passadores de Festa, ou porventura por excesso de pessimismo já havia quem num rodapé lastimasse só prevalecerem nos arrabaldes as novenas porque não houvesse mais como dantes teatros e clubes. Nem mesmo as reuniões familiares com jogos de prendas.

Apenas as festividades religiosas facultaram "tirar-se o ventre da miséria nos corpos das igrejas ou nos pátios ornamentados". Entre nuvem de incenso era "poético e galanteio". E o jornalista afirmava que "as moças levam às vezes as lampas aos próprios rapazes". Salvava-se dessa apatia, por exemplo o novenário do Monteiro. "A bandeira levantou-se por uma soberba noite de luar. Do fundo iluminado da casa do baile desprendiam-se em linhas rectas dois fios de luzes, cujos reflexos avermelhados destacavam um mar ondulante de embeças e coques. Os moços trajavam hinetá e gravata branca; as senhoras arrastavam as longas caudas dos vestidos negados, sustentando nas mãos enlavadadas duas fitas vermelhas que se iam prender a um vaporoso carro de triumpho".

A casa descreção da noite de bandeira aduzia-se uma censura ao espirito regionalista dos monteirenses.

Não tinham sido convidados os *apiucanas* e os *timbas* "como chamam aos habitantes do Poço".

Adiante o repórter emitia este juízo, bem plausível, ao ser queimada uma girândola.

"Não há coisa mais estúpida do que a invenção dos foguetes".

E comenta a inconveniência de se lançar ao espaço centenas de taboas que voltam à terra por cima de milhares de cabeças descobertas... Felizmente "O balão que então subiu ao ar atrau todas as atenções e fez esquecer esse desagradável acontecimento".

Para maior compensação, as mulheres que enchiam o pátio eram geralmente cheias de graças — "desde o typo brasileiro com sua tez morena e olhos pretos até a beliza europeia". E note-se ser o jornalista do rodapé exigente pois escrevera antes:

"Em que pese às amáveis leitoras, confessemos-lhes que nesta fadada terra de Pernambuco o bello sexo é em grande maioria feio: nos bailes e nos teatros é forçoso que o espectador contente-se com as sympathicas".

As novenas do Monteiro faziam excepção, aos olhos desse folhetinista que, contraditoriamente, censurava o regionalismo dos arrabaldes...

...em mister, todavia, esse conjunto de contrastes, de paixões, de interesses em suma, para possibilitar ao tempo de Festa, na simplicidade de quasi cem anos, a sedução e a poesia que transparecem de suas crônicas.

Bem motivos havia para os silvencos do — A Festa está na porta —

No próximo número de

NORDESTE

sensacional
concurso
literário

AGUARDEM!

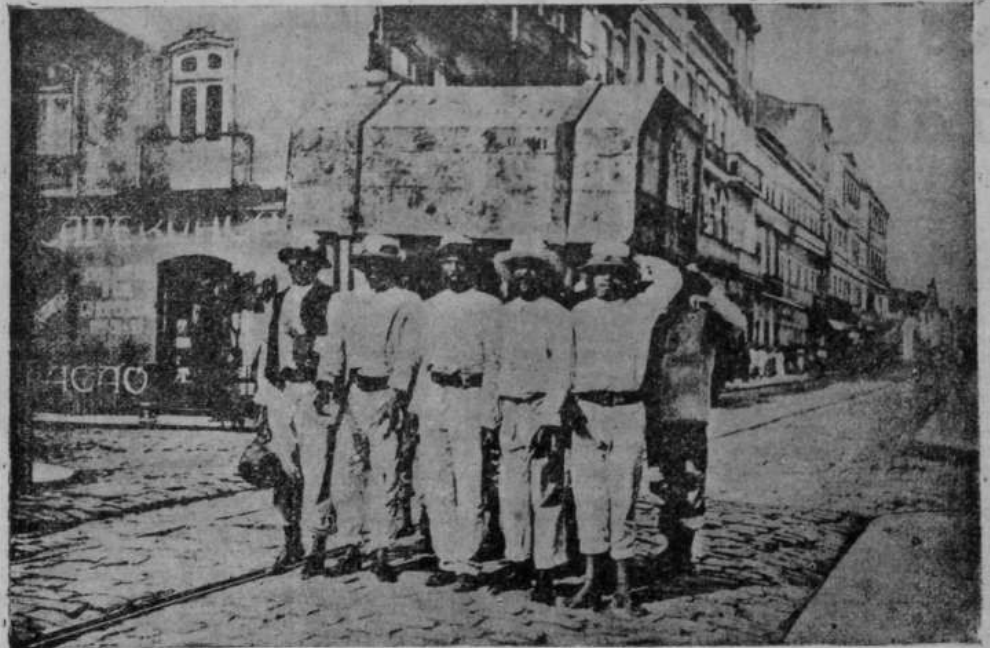
DOS TITULOS invocados pelos espanhóis para a conquista dos seus domínios

(Continuação da página 9)

humano, afirm de que todos os homens lhe rendessem obediência, sem escolha de lugar em que nascessem, ou de religião em que fossem doutrinados, submetendo a esse intento a terra inteira à sua jurisdição, e ordenando-lhe de assentar a residência em Roma, que em verdade é o lugar mais azado para a governação do mundo. E por igual lhe prometeu e conferiu o poder de dilatar e estender a sua autoridade por todas as partes do mundo, onde mais quizesse, e de avassalar e julgar todos os christãos, mouros, judeus, idolatras e quaesquer outros povos de qualquer seita ou crença que ser podesse. A este foi dado nome de Papa, que tanto monta como dizer — admiravel, grande, pae e tutor, sendo que com effeito é o pae e regedor de todos os homens. Os que viveram no tempo deste sanctissimo padre o confessavam por seu rei e senhor, e como a tal, lhe obedeciam, transmittindo-se essa obediência aos que lhe succederam no pontificado, como ainda hoje continúa, e continuará até a consumação dos séculos. E em estas soberanas pontificas, como senhor universal da terra, fez mercê e doação destas ilhas, e da terra firme do oceano, a SS. MM. CC., os serenissimos reis de Castela, D. Fernando e Dona Isabel, de gloriosa memoria, e a seus successores, nossos soberanos, com tudo quanto nelhas se achasse, como tudo vem expresso nos autos que vos serão mostrados, se o desejardeis. Assim que, e em virtude da sobredita doação, é S. M. rei e senhor destas ilhas, e da terra firme, sendo que por tal o aclamaram e reconheceram as mais das ilhas a que de seu conhecimento dos ditos feudos e titulos, e nessa qualidade de seu senhor legitimo que lhe rendem preito e menagem, de muito bom grado e sem nenhuma opposição. E como os ditos povos foram inteirados da sua vontade, para logo se conformaram com ella, recebendo a instração e doutrina que lhes ensi-

naram os varões que a esse intento lhes enviou S. M. fazendo-se todos christãos, e continuando a se-lo, não movidos de esperança de galardões, ou temor de castigo, S. M. que os acolheu com bondade sob a sua poderosa protecção, foi servido determinar que fossem todos tractados de feição, como os outros seus subditos e vassallos. E, taes, pois, adstrictos e obrigados a portar-vos do mesmo modo, pela qual razão vos peço e rogo hajais de reflectir maduramente em tudo quanto vos acabo de propor, affirm que possaes reconhecer a igreja por soberana e guia universal, e o sanctissimo padre, chamado papa, em virtude de seu proprio poder, e a SS. MM. por doação do papa, como reis e senhores soberanos destas ilhas e terra firme, não pondo embargo algum à pregação da fé. Se vos conformaes com isto, andareis bem, e cumprireis vossos deveres: por onde S. M. e eu em seu nome, vos havemos de acolher com amor e bondade, deixando-vos a vós, vossas mulheres, e vossos filhos, em plena liberdade, e livres do captivo, gozar de todos os vossos bens, sem nenhuma differença dos habitantes das ilhas, afóra outros muitos privilegios, isenções e regalias que vos hade acordar S. M.

"Porém se recusades, ou dilataes maliciosamente a obediência devida à presente notificação, nesse caso, com ajuda e favor do Todo-Poderoso, entrarei forçosamente por vossas terras, e vos farei cruelissima guerra, até de todo reduzir-vos à obediência da igreja d'el-rei, arrebatando vossas mulheres e filhos para se venderem como escravos, ou delles se dispôr como aprouver a S. M., tomando-vos todos os bens e fazendo-vos todo o mal e hostilidade, quanto em mim couber como a subditos rebeldes e levantados. E já daqui protest que todo o sangue derramado, e mais desgraças que succederem por razão de vossa desobediência, nunca jamas se imputem senão a vós mesmos e não a S. MM. nem a mim, nem a nenhum



Um flagrante muito comum, até bem poucos anos, nas ruas do Recife: carregadores de piano, que geralmente trabalhavam cantando

OS PROBLEMAS DO AÇUCAR E A ECONOMIA PERNAMBUCANA

(Continuação da pág. 8a.)

ditam no estoicismo e no arrôjo dos brasileiros para superar essa grave situação a que chegamos. E o primeiro passo para a solução do problema é produzir o máximo e incentivar o intercâmbio comercial entre as nações, pois, o fato mar-

cante do nosso tempo é a interdependência econômica internacional. Vale salientar que o nível de vida, de cada povo depende — em grande parte — da sua habilidade para vender no estrangeiro. Daí resulta que, no mundo atual onde as nações lu-

tam, mais e mais pelo acesso aos mercados exteriores, é imperioso nos prepararmos para as grandes batalhas da competição e, a um tempo, aproveitar e conservar mercados no Exterior que insistem em nos comprar, assegurando o escoamento permanente

do excesso de nossa produção de açúcar. Só assim, contribuiremos de maneira eficiente para a recuperação econômica do país".

(Do JORNAL DO COMERCIO, de Pernambuco).

dos subditos de SS. MM. que servem debaixo de minhas ordens. Em fé do que, e para a todo tempo constar, tendo-vos feito esta intimação e renúnciao.
(Conclue no próximo número.)

EVOCACÃO DE BILAC

(Continuação da 1a. pág.)

o assunto. Pois, Bilac começa a descobrir outro amor —

Conheço um coração, tapera escura, casa assombrada onde andam penitentes sombras...

E uma linguagem que não se ouvia ainda em nossa lirica. E que intenta a expressão de comunhões humanas mais profundas:

Penso, às vezes nos sonhos, nos amores, que inflamei à distância, pelo espaço; penso nas ilusões do meu regaço levadas pelo vento a alheias dores...

O poeta ignora a conclusão de tudo isso. Sabe apenas que aí vem a morte. E o seu canto se faz cada vez mais poderoso à medida que defonta o mistério, movediço e empolgante como o mar:

Sinto, às vezes, à noite, o invisível cortejo de outras vidas, num caos de clarões e gemidos: vago troyel, voejar confuso, hálito e beijo de coisas sem figura e seres escondidos...

Miserável, perçebo, em tortura e desejo, um perfume, um sabor, um tato incomprendidos é vozes que não ouço, e cores que não vejo, um mundo superior a meus cinco sentidos.

A morte não lhe será, portanto, "a lobá que devora os sonhos" de outro poeta cuja poesia teve, no entanto, acentos bem menos pagãos e sensualistas que a sua. Seu coração não se retrai nem se intimida — seja ao considerar-se "feliz porque nasci, feliz porque envelheço", seja ao dizer que

"tôdas as horas, para o martirio, não gratas, tôdas, para a esperança e para a fé, são [boas]"

E, por outro lado, "o sono", "a libertação", a viagem para novos "astros", a caperança em suma, a certeza de destinos superiores ou, pelo menos, novos para o espirito do homem.

Bilac não evoluiu filosoficamente para a verdade religiosa nem para qualquer doutrina. Ele mesmo o disse, num soneto conciso e claro:

Não sei. Duvido e espero. Na ansiedade, vago entre vagas sombras. Se não rezo, sonho; e invejo dos crentes a humildade e o orgulho dos filósofos desprezo.

Como um Jó, miserável da verdade e de receios farto como um Cresno, adormeço a tristeza que me invade e engano o coração cansado e leso,

Talvez haja na morte o eterno olvidado. Talvez seja ilusão na vida tudo... Ou geme um deus em cada ser ferido...

Não afirmo, não nego. E' vão o estudo. Quero clamar de horror porque duvido. Mas, porque espero, espero e fico mudo.

No entanto, não foi um negativista nem um inerte quando cessaram dentro dele as fanfarras atordoadoras da mocidade e a inteligência começou a ouvir as vozes das esfinges fatais. Sentiu a dignidade da natureza humana exigindo completações morais que, não existindo na terra, tinham de ser procuradas além da morte. Não desceu da obra divina. E transfundiu esse sentimento em alguns dos mais cáldicos e mais sonoros versos da nossa língua.

DICIONÁRIOS ESCOLARES

INDISPENSÁVEIS AOS ESTUDANTES

Pequeno Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa
De acordo com a reforma ortográfica definitiva.
É o primeiro dicionário destinado ao Brasil, e elaborado com espírito prático e moderno, uma vez que se levanta em conta a língua viva, aquela que brota da pena dos nossos escritores, e se lê nos jornais e se ouve ao luar, nas ruas, ao campo e por toda a parte.

Pequeno Dicionário Latino-Português
Organizado por um grupo de professores. Revisão por Fernando de Azevedo.
Feito especialmente para os estudantes de ginásios e colégios, apresenta o essencial para a compreensão dos textos latinos. Definições rigorosas em todos os sentidos correntes nos melhores dicionários devidamente registados.

Pequeno Dicionário Inglês-Português
por Nuno Smith de Vasconcelos
Com cerca de 40.000 palavras modernas, expressões idiomáticas e termos técnicos que são se encontram em nenhum outro dicionário de sua classe. Recomendado a todos aqueles que desejem estudar corretamente a língua inglesa.

Pequeno Dicionário Espanhol-Português
por Idel Becker
Com cerca de 50.000 vocabulos, bilingue americano, vocabulário castiço, de gíria e neológico. Termos técnicos da medicina, direito, filosofia, ciências naturais, mecânica, etc. — O mais completo até hoje publicado no Brasil.



Edições da COMPANHIA EDITORA NACIONAL

Os Engenhos, Suas Senzalas E Suas Lendas

De Luiz Torres

O Nordeste é a região do Brasil que mais atrai e seduz as atenções de quantos o procuram visitar: as praias com as tocas jangadas; as barcaças com as suas velas muito alvas; a poesia e o romance dos seus recantos; a musa dos seus poetas; o cosame de sua gente; e mais ainda, os engenhos com as suas velhas senzalas e o mistério de suas lendas.

A cultura da cana do açúcar para aqui veio transportada das longínquas terras do Portugal, lá pelas primeiras décadas do século XVI; ela marca o início de uma civilização que com o correr dos tempos continua sendo a mesma; nem mesmo a febre do modernismo embriagador a desmanchou; aqui nasceram e floresceram povoações e aldeias que hoje são grandes metrópoles do Nordeste; o culto de cana tornou-se uma tradição desde aquelas épocas e o engenho aí está com a sua senzala e os seus mistérios.

No ambiente místico do índio, do negro e do branco, o engenho estacionou, deixando-se rodear pela credência, meio fetichista do povo, pelas lendas e pelas assombrações; umas trazidas da África e qui já tão nordestinas como o mandacaré, e outras nascidas na própria alma do gentio, no sentimento regional, saídas de corações que bem interpretam a ingenuidade interpretam a ingenuidade do primitivo povo dessas regiões.

O engenho é como um vilarejo no meio da mata, vivendo na verdura de seus canaviais e na limpidez das águas dos riachos que aqui e acolá se infiltram no meio dos pés de cana. A casa grande é onde reside o seu senhor; um pouco atrás, como uma puchada, fica a senzala, onde outrora dormiam os escravos. A casa da moagem é um pouco afastada; e de um lado, na encosta de uma colina, fica o curral com as suas cabeças de gado. Não lhe falta, porém, a pitoresca casa de farinha para aproveitar a mandioca dos roçados; e também um terreiro para brincadeiras e

festas de cavalhadas e vaquejadas. Um açude, serve para salvaguardar os moradores da região em caso de seca e, ainda mais, para a irrigação dos verdes canaviais.

A vida pelas redondezas é bem agradável; respira-se um ar cheirando a calda, a cachaca, a rapadura e a mel novo. O silêncio é grave, e penas quebrado pela zuada da correria lenta do carro de boi que passa pela estrada, por caminhos rudes, em busca da cana.

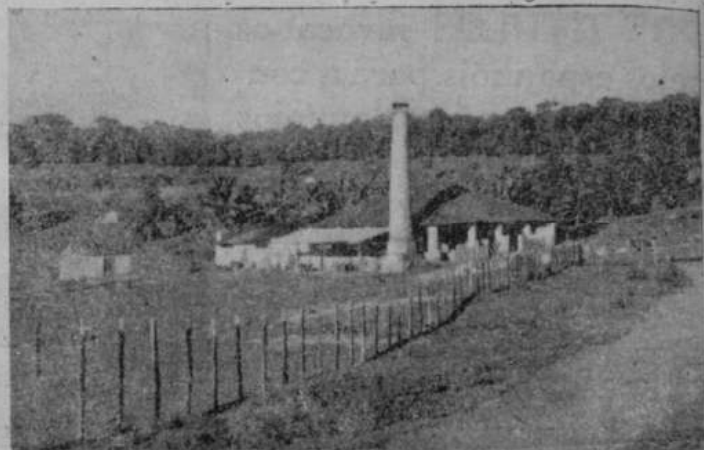
A moagem tem o seu tempo, processando-se nos primeiros meses do estio, quando a fartura faz bater tudo, e quando o matuto vê o fruto do seu trabalho nos longos dias de um inverno rigooso; não é somente a caianinha que dá muito dinheiro; não, o feijão, a macacheira e os legumes além de servir para a alimentação caseira, arranjam alguma coisa para cobrir prejuízos se por ventura houver.

Já pela tarde, no crepúsculo, quando a natureza convida o mundo para minutos de meditação, aquela gente se recolhe na escuridão de uma noite incerta enquanto as assombrações e os mistérios invadem a amplidão daqueles recantos.

Aqui e acolá se reúnem grupos; discutem sobre assuntos relativos à agricultura, à pecuária. Vem a tona um crime e acontecido há dias passados e no qual um senhor de engenho perdeu a vida... Foi assaltada tal fazenda e o delegado ainda não conseguiu descobrir os ladrões... A feira do gado estava muito animada, foram feitos grandes negócios; é pena que não tenha podido comprar o touro holandês; o mestre pediu muito caro e o cobre era pouco...

As vovós sempre estão rodeadas pelos seus netinhos, pela meninada alegre e satisfeita dos engenhos; eles querem ouvir as lendas e as histórias cujos ecos deixaram rastros profundos na alma daquela gente; tão profundos que aumentam a superstição de um povo que adora idolos, crê na divindade de um

feiticeiro e no poder de um curandeiro. A "caipóra" vive lá pelas florestas a perseguir caçadores sem ser vista; ela é a rainha das "caatingas" e senhora poderosa dos campos; não deixa ninguém entrar no seu "reinado" e as vezes abre mão para aqueles que lhe presenteiam uma rodinha de fumo... O "lobisomem" com a sua história serve para meter medo a criançaida trelosa, que não fica alegre, somente, com as traquinagens praticadas durante o dia... Aquele menino que está um pouco pensativo já levou uma boa carreira de uma visu-



Engenho do Nordeste, rodeado de mata e fabricando o mel novo e o açúcar preto

de; é bonita como uma princesa; de quanto em quando desaparece gente; foi ela que a roubou lá pra dentro daquela água funda. Os garotos escutam essas histórias com o olhar fais-

com a assombrado de um escravo, que já morreu à tantos anos, e que aparece na escuridão das senzalas... A mulher mais velha tem sempre o nome de sinha

membro de sua família é um dia de festa. O recuerdo o cavaquinho não descançam. O realêjo toma parte também naquela animação da gente do matuto. O almoço é mais gordo e diferente dos outros dias. Os violões são afinados e as toadas e os desafios acompanham aquela barulhada durante o resto da noite.

Dia de feira todo mundo sai; no engenho não fica quase ninguém. Eu me lembro quando passei alguns meses nas proximidades de Caricé; na segunda-feira, ficava deserto, o povo ia todinho para a feira de Itambé que era tão grande que chegava a se espalhar pelas ruas de Pedra de Fogo; aproveitavam o iam beijar a mão do padre Júlio, vigário daquela cidade. A tarde todos voltavam, cançados, tinham muita coisa para contar o que viram e ouviram, alguma novidade, enfim, de compadres que só se encontram uma vez por semana, pois moram distantes; uns no Caricé, outros no engenho Jardim, de dona Toinha...

Tudo isso se vê e se sente nos engenhos do Nordeste.

Camarasá, Morojó, Flores, Penedo, são nomes de engenhos que bem traduzem o sentimentalismo do nosso povo matuto; cada nome é uma lenda onde se desenrolam mistérios que vagueiam não muito longe daquelas paragens.

Limoeirinho, foi o primeiro pé da "pau" que se plantou naquela vila da zona da mata, e lá está o engenho moendo a cana fabricando o mel novo...

Aí está, leitor amigo, uma parte do Nordeste com os seus engenhos, suas senzalas e suas lendas. Rodeada de assombrações, a casa grande lá está com o seu senhor desafiando os mistérios e os segredos das "caatingas"; a senzala fazendo reviver os negros dias da escravidão; e as lendas de boca em boca sobrepunando os obstáculos de um coração realista...



No meio do canavial, por entre caminhos estreitos, passa o carro de boi guiado por seu carreiro...

gem e pensou que fosse o o bicho papão; ele nunca mais se mete a cometer valentias; depois do susto virou um anjo. Um desses dias a "mãe d'água" esteve bem aí, à beira do açu-

cante de curiosidade e repletam em suas fisionomias o bom gosto das narrações. E assim no meio daquela atmosfera lendária os meninos vão se criando se assustando até mesmo

Marica; ela gosta muito de fazer bico de renda; passa o dia e a noite a sacudir os birros pra cima da almofada.

O aniversário do senhor do engenho ou de algum



Capelinha de Engenho, com altar enfeitado pelos bicos de renda que sinha Marica fez na porta de sua morada



A senzala onde se conta a lenda da "caipóra", do "lobisomem" e da "mãe d'água"